



VOZ DA FÁTIMA

Maria levantou-se e partiu apressadamente

EDITORIAL

“Vai e faz tu também o mesmo”

Pe. Carlos Cabecinhas

Este que é o mês mais curto do ano é especialmente intenso na vida do Santuário, marcado por várias celebrações especialmente significativas – o Dia do Consagrado, na Festa da Apresentação do Senhor, a Festa dos Santos Francisco e Jacinta Marto, com a sua novena preparatória, o início da Quaresma – e por encontros e iniciativas várias. Mas fevereiro é também um mês que põe diante dos nossos olhos, em cada ano, a realidade da doença e do sofrimento, pois no dia 11 celebramos o Dia Mundial do Doente, e no dia 28, último dia do mês, o Dia Mundial das Doenças Raras.

Aqui em Fátima, os doentes tiveram sempre um lugar especial. É por isso com especial alegria que vamos recuperando as atividades com doentes que, durante a tempo da pandemia, tivemos de suspender.

A doença e o sofrimento são dois dos problemas mais graves que afligem a vida humana. Na situação de doença experimentamos a nossa fragilidade, a nossa finitude e, tantas vezes, a incapacidade de superar a situação. A doença é, por muito que isso nos custe e que a sociedade em que vivemos o procure esconder, parte integrante da vida humana. E nunca é um bem em si mesma! Tendemos, por vezes, a espiritualizar indevidamente esta situação, mas se a doença pode ser ocasião ou oportunidade para um verdadeiro crescimento de fé, em si mesma nunca é algo de bom. Os Santos Francisco e Jacinta fizeram a experiência dolorosa da doença que os vitimou, mas o seu exemplo não é de resignação nem de sublimação de uma situação dolorosa, para a tornar mais suportável; o seu exemplo é de coerência com a oferta que tinham feito das suas vidas a Deus.

Na sua mensagem para o Dia Mundial do Doente deste ano, o Papa Francisco afirma que apesar da doença fazer parte da nossa experiência humana “pode tornar-se desumana, se for vivida no isolamento e no abandono, se não for acompanhada pelo cuidado e pela compaixão”. Por isso, aquilo a que nos desafia na sua mensagem é à compaixão. E recorre à parábola do bom samaritano: «Trata bem dele» (Lc 10,35) é a recomendação do samaritano ao estalajadeiro. Mas Jesus repete-a igualmente a cada um de nós na exortação conclusiva: “Vai e faz tu também o mesmo”.

Os Pastorinhos de Fátima deixaram-nos o exemplo dessa compaixão: desde a primeira aparição, apresentaram a Nossa Senhora as intenções que as pessoas lhes confiavam, especialmente pelos doentes. Mas também, em mais do que uma ocasião, eles mesmos rezam pela cura de doentes. Basta recordar aqui o que conta Lúcia a propósito de Jacinta: uma mulher, em lágrimas, ajoelhou-se diante da mais jovem vidente, pedindo-lhe que intercedesse junto de Nossa Senhora para que a curasse de uma terrível doença. “A Jacinta, ao ver de joelhos, diante de si, uma mulher, afligiu-se e pegou-lhe nas mãos trémulas para a levantar. Mas vendo que não era capaz, ajoelhou também e rezou com a mulher três Ave-Marias; depois, pediu-lhe que se levantasse, que Nossa Senhora havia de curá-la”. O Papa diz que a condição dos enfermos é “um apelo que quebra a indiferença e abranda o passo de quem avança como se não tivesse irmãs e irmãos”. É a esta compaixão a que somos chamados.

Dia dos Pastorinhos celebrado como solenidade no Santuário

Uma novena, um retiro e um concerto, para além das celebrações litúrgicas propriamente ditas, marcam a celebração do dia dos Pastorinhos, também dia da morte de Santa Jacinta Marto.

Carmo Rodeia

No próximo dia 20 assinala-se a Festa Litúrgica dos santos Pastorinhos, Francisco e Jacinta Marto, os dois primeiros santos de Fátima, que constituem pelo seu carisma uma referência para as crianças e jovens de hoje.

O VIII Concerto Evocativo dos Três Pastorinhos de Fátima, intitulado O Sopro e a Palavra, pelo Ensemble São Tomás de Aquino, desenhado pela maestrina Maria de Fátima Nunes e Alfredo Teixeira, é um dos momentos altos de um vasto programa que começa no dia 11 de fevereiro com a Novena dos Pastorinhos.

Esta iniciativa, em formato de podcast, é desenvolvida pelo Santuário de Fátima, com a colaboração da Aliança de Santa Maria, centrando-se na vida e na espiritualidade dos santos Pastorinhos Francisco e Jacinta Marto. Os momentos de oração serão disponibilizados pela manhã, entre os dias 11 e 19 de fevereiro. Esta novena propõe uma reflexão sobre vários temas: “União de vontades: quando o meu querer é o querer de Deus”, “União de Corações”, “Deus não se pode dizer nem deixar de dizer”, “Se é segredo, não se pode dizer!”, “Diante do eterno não há tempo”, “Do sacrifício não me escondo!”, “Nenhuma outra altura senão a do Baixíssimo”, “O doce Cristo vestido de branco” e “A mudança”.

Paralelamente, no terço das 18h30, que tem a difusão pelos canais de comunicação social e digital do Santuário de Fátima, durante esses dias, haverá uma intenção especial para evocar a memória dos dois primeiros santos de Fátima.

No dia 19, a seguir ao concerto, será rezada a oração de vésperas na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e, à noite, a seguir ao terço das 21h30, cele-



brar-se-á uma Vigília, no mesmo lugar, com um momento de veneração dos santos Pastorinhos nos seus túmulos. A partir do dia 11 de fevereiro, sempre às 18h00, far-se-á diariamente esta veneração, que será transmitida em direto no site do Santuário, no Facebook e no Youtube, do Santuário.

No dia 20, dia da Festa Litúrgica dos santos Francisco e Jacinta Marto, que no Santuário é celebrada como solenidade, rezar-se-á o terço, às 10h00, na Capelinha das Aparições, seguido de Missa, na Basílica da Santíssima Trindade, presidida por D. José Ornelas Carvalho.

Este ano, de olhos postos na Jornada Mundial da Juventude, e integrado no contexto desta festa, o Santuário promove entre os dias 17 e 19 de fevereiro, um retiro destinado a todos os jovens, entre os 18 e os 30 anos, que são convidados a rezar a vida e as decisões que esta implica à luz daquele que é o tema da JMJ Lisboa 2023 e do ano pastoral no Santuário de Fátima: «Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39).

O retiro será orientado pelo P. Samuel Beirão, SJ, e pela Ir.ª Joana Barbado, ACI, e terá lugar na

Casa de Retiro de Nossa Senhora das Dores.

Os Pastorinhos Francisco e Jacinta e a prima Lúcia tinham tudo para uma vida simples, anónima, mas acabaram por entrar para a História, não só da Igreja Católica em Portugal e no mundo, mas também da humanidade, como testemunhas privilegiadas das Aparições num pequeno local chamado Cova da Iria, perto de Fátima, no centro do país.

Como pequenos pastores que eram, ficaram para sempre conhecidos como “os Três Pastorinhos” ou “os Videntes de Fátima” a quem Nossa Senhora do Rosário apareceu por seis vezes, em 1917.

Lúcia, na altura com 10 anos, e os seus primos Francisco, com 9, e Jacinta, com 7, irmãos, foram os escolhidos para receberem a Mensagem na qual a “Senhora mais brilhante que o Sol” pedia orações, sacrifícios e reparação das ofensas ao seu Imaculado Coração e a Deus.

A Lúcia foi dado ver, ouvir e falar durante as Aparições, enquanto Jacinta podia ver e ouvir e Francisco podia, apenas, ver, pelo que a prima e a irmã lhe relatavam posteriormente tudo o que tinham ouvido.

Depois de Francisco e Jacinta Marto terem sido declarados santos pelo Papa Francisco, em 2017 – o processo de canonização de Lúcia ainda prossegue em Roma –, a sua festa passou a ser celebrada em todo o mundo, com particular destaque para o Brasil, onde é feriado municipal na cidade de Juranda, no estado do Paraná, de onde é natural o jovem miraculado, cujo milagre esteve na origem do reconhecimento da santidade destas duas crianças não mártires e da sua subida aos altares da Igreja

Quando o ato de escutar abraça quem precisa

As Capelas da Reconciliação e o Centro de Escuta têm em comum o ato de acolher, mas têm propósitos diferentes, e quem chega procura acima de tudo paz e esperança.

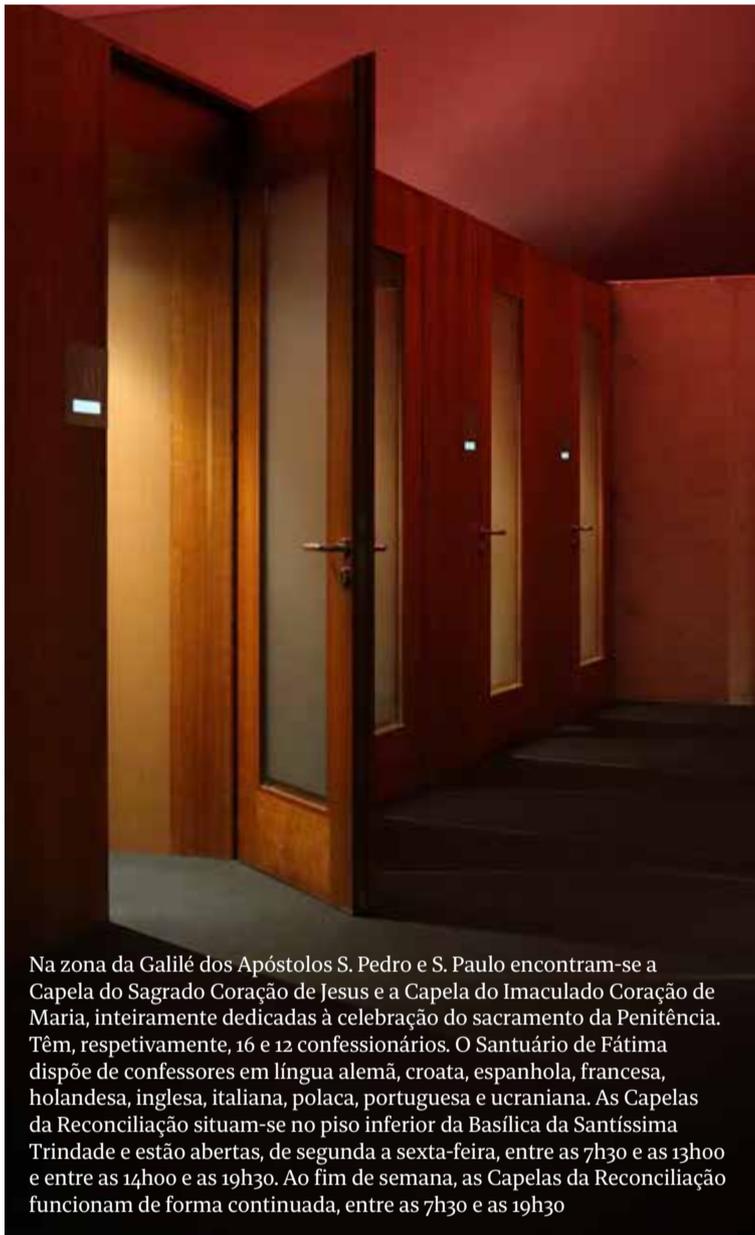
Cátia Filipe

Na última década, o mundo contemporâneo sofreu alterações profundas do ponto de vista tecnológico, social e económico. Desde sempre, os costumes foram muito pautados pelas relações sociais e humanas. Mas numa época em que o virtual tem predominância, onde existe uma facilidade de comunicação nunca vista, a atenção ao outro pode não ter a primazia de outros tempos, sobretudo devido à velocidade que se impõe nas rotinas diárias, o que consequentemente leva a uma dissipação da nossa atenção, até nos atos mais primários.

O significado de ouvir remete ao sentido da audição, é aquilo que o ouvido capta, no entanto, o verbo ‘escutar’ corresponde ao ato de ouvir com atenção. A palavra ‘es·cu·tar’ tem origem no latim ausculto, que significa ‘tornar-se atento para ouvir’.

Apesar de as palavras serem semelhantes no seu significado, a diferença é enorme. Ouvir é um processo natural do ser humano, contudo é possível ouvir sem prestar atenção. A escuta implica atenção, requer cuidado e tempo, é um ato físico, mas sobretudo emocional, porque ativa todos os sentidos. No último ano, o Santuário de Fátima tem preparado um Centro de Escuta, que irá funcionar como “um lugar para o acolhimento incondicional de quem sente a necessidade de contar a história da sua fragilidade pessoal e de ser ouvido e ajudado com compaixão por pessoas competentes na arte de escutar e cuidar espiritualmente”, afirmou o P. Carlos Cabecinhas, quando deu a conhecer esta iniciativa aos órgãos de comunicação social, em novembro de 2021.

A Ir.^ª Inês Vasconcelos, da congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, foi assistente espiritual nos Hospitais da Universidade de Coimbra, durante 15 anos, e considera que o ato da escuta “é saber ouvir com o coração; é nós silenciarmos as nossas ideias e preconceitos e acolhermos, e, aqui em Fátima, pode dizer-se que é mesmo ao jeito de Maria”. Em 15 anos ao serviço dos doentes, “ouvi muitos medos, muitas mágoas, muitas ideias, e nesses momentos a melhor atitude é o silêncio, é apertar a mão, é limpar as lágrimas e esperar que as pessoas falem, e dar tempo ao silêncio que, muitas vezes, é pesado”.



Na zona da Galilé dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo encontram-se a Capela do Sagrado Coração de Jesus e a Capela do Imaculado Coração de Maria, inteiramente dedicadas à celebração do sacramento da Penitência. Têm, respetivamente, 16 e 12 confessorários. O Santuário de Fátima dispõe de confessores em língua alemã, croata, espanhola, francesa, holandesa, inglesa, italiana, polaca, portuguesa e ucraniana. As Capelas da Reconciliação situam-se no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade e estão abertas, de segunda a sexta-feira, entre as 7h30 e as 13h00 e entre as 14h00 e as 19h30. Ao fim de semana, as Capelas da Reconciliação funcionam de forma continuada, entre as 7h30 e as 19h30

Esta religiosa, em entrevista ao jornal a Voz da Fátima, realça a importância da empatia, uma vez que “é impossível lidar com o sofrimento sem sermos tocados”. A Ir.^ª Inês Vasconcelos faz parte da equipa, em formação, que vai integrar o Centro de Escuta do Santuário de Fátima e considera que um serviço destes em Fátima “é crucial, porque este lugar deixou de ser o lugar dos crentes e passou a ser um lugar de todos, para todos os que procuram paz, silêncio e beleza, até”. A todos os 32 membros que integram o Centro de Escuta do Santuário de Fátima, e que são provenientes de várias áreas de ação – Psicologia, Comunicação, Turismo, Ensino, Teologia, Medicina, Enfermagem, Direito – é pedido somente “que escutem de forma empática, sem pressa, de forma simples no acolhimento”.

É precisamente o verbo ‘acolher’ que Luís e Sandra Pinto

destacam da sua experiência de Fátima. Este casal de Arcozelo, Vila Nova de Gaia, atravessa um processo de luto pela perda de um filho, o Tiago, e foi acolhido em Fátima num retiro. O convite para partilharem a sua história num momento formativo do Centro de Escuta foi recebido com alegria, sobretudo por terem conhecimento deste espaço, cujo objetivo primordial é oferecer a quem chega, muitas vezes, marcado pela dor, pela dúvida existencial ou pelo sofrimento espiritual um serviço em que poderá encontrar alguém que seja capaz de ajudar cada um a descobrir em si mesmo os recursos internos que lhe permitam integrar e superar a situação que está a viver.

A incerteza do que iriam dizer passou a conforto, quando começaram a contar todo o processo ao longo de dois anos. Para Sandra, continua a ser fundamental sentir que ainda pode

falar, e não espera conselhos ou retorno; precisa simplesmente de alguém que a ouça, porque há momentos em que lhe apetece falar sem sentir julgamento e, no seu caso, traz-lhe alguma paz e serenidade o poder falar e ser transparente naquilo que sente: “numa situação de luto, aquilo que acontece muitas vezes, mesmo nos dias de hoje, é que as pessoas evitam falar no assunto, porque há momentos em que eu choro e as pessoas pedem-me desculpa por falar no assunto. E isso acaba, muitas vezes, por ser desgastante, por ter de ser eu a confortar as pessoas, por ser um assunto delicado”, explica, considerando, ainda: “ninguém tem de pedir desculpa – está tudo bem em falar –, mas, com estas circunstâncias, eu acabo por me retrair para não incomodar”.

Nas conversas quotidianas, muitas vezes, o feedback que chega espelha alguma incompreensão, pois consideram que “já deveria estar numa outra fase do luto, uma vez que já passaram dois anos, porque acham que é uma coisa linear”. No entanto, “há pessoas que me ouvem e que têm noção de que há dias em que eu estou bem, outros dias em que só me apetece chorar, e essas pessoas são raras de encontrar”. Em todo o processo de luto, muitas vezes, o desespero faz parte, pois “quase que temos de pagar a um psicólogo só para nos ouvir, só para termos alguém com quem falar, com uma postura neutra. Mas não há nada como termos alguém que nos escuta, que está presente, e esse é o ponto alto da escuta”.

“Eu não estou à espera de respostas. Quem me escuta não tem de estar em ação de me dizer alguma coisa”, lembra, dando conta de que no acolhimento no Santuário se sentiu, de facto, escutada sem ser julgada, sem a julgarem a ela ou ao seu filho.

O falar de luto e da morte é ainda um tabu para muitas pessoas, inclusive dentro da família, ou do círculo mais próximo. Muitas vezes, por medo do julgamento, a pessoa em luto não fala do que sente, aumentando o seu sofrimento. A escuta tem uma grande importância no processo do luto, uma vez que a pessoa faz memória da sua própria história.

A empatia no processo de escuta é um fator essencial, pois

“é acolher as minhas palavras e aquilo que eu estou a sentir, porque podemos não ter vivido as mesmas coisas, mas as pessoas podem ser empáticas comigo no meu sofrimento”, diz Sandra.

Luís lembra que no seu processo de luto há uma fase antes de ser acolhido no Santuário, e uma fase após ter sido acolhido no Santuário. O luto é um processo único e pessoal, “nessa altura de dor, estamos sós”, e, mesmo com todo o amor e carinho que foram recebendo, “o que é mais comum é as pessoas tentarem animar-nos, mesmo sem saber, para ultrapassarmos esta fase, mas naquele momento a dor é algo muito físico, vai além do emocional, e eu sou egoísta: a minha dor é a maior”.

O momento da partilha com os elementos do Centro de Escuta foi muito intenso; “ali ninguém nos tentou consolar, fomos escutados, passamos a ser uma pessoa só”. “Aquele momento foi uma escuta de contemplação. As palavras foram, de facto, o menos importante, as palavras foram, na verdade, escassas, e senti-me tão bem”, recorda Luís emocionado! “Na fase em que eu estava, foi a melhor coisa que me aconteceu”, reitera ainda, lembrando os diálogos e todo o processo com a mulher, Sandra.

O Centro de Escuta em processo, pretende ter como finalidade acolher empaticamente a todos, sem qualquer tipo de discriminação ou exclusão, preconceito ou juízo prévio, como um lugar de reparação do coração. Este Centro que agora surge destina-se a todas as pessoas que estejam a atravessar um momento mais difícil, causado pela doença, solidão, medo, luto, angústia, ressentimento, dificuldades de aceitação pessoal, ou outras feridas e mágoas interiores, impossibilidade de perdoar a outros ou a si mesmo, conflitos ou roturas familiares, relações problemáticas com os outros, problemas laborais, crises de fé ou de inclusão eclesial, interrogações religiosas, ausência de sentido para a vida.

Para acolher quem chega, estarão ao serviço capelães do Santuário de Fátima, bem como alguns colaboradores, profissionais e voluntários, que na sua missão vão ter em conta valores como a empatia, incondicionalidade, confidencialidade, liber-

dade, respeito, humanização, fraternidade, solicitude, compromisso e misericórdia.

Também para acolher quem chega, o Santuário de Fátima tem ao dispor as Capelas da Reconciliação, para todos os peregrinos, às quais chegam penitentes de todo o país e do estrangeiro, de todos os estratos sociais, idades e sensibilidades eclesiais. As Capelas da Reconciliação e o Centro de Escuta têm em comum o ato de acolher, mas têm propósitos diferentes.

A Ir.^a Inês Vasconcelos explica que à Capela da Reconciliação “vai quem tem fé, quem pratica a religião católica na dinâmica sacramental, e ao Centro de Escuta virão pessoas com fé, sem fé, pessoas até revoltadas contra a religião e a Igreja”.

O padre Ronaldo Araújo é um dos capelães do Santuário de Fátima que integra a equipa de confessores das Capelas da Reconciliação e também o Centro de Escuta. É brasileiro e está em Fátima desde 2019. Explica que, praticamente todos os dias, presta serviço nas Capelas da Reconciliação: “por norma, procuram o sacramento da Reconciliação pessoas que pretendem, digamos, um novo rumo, na medida em que querem direcionar as suas ações e as suas vidas mais para Deus e procuram este sacramento para ficarem em paz consigo mesmas”, explica o sacerdote.

Para quem chega, “Fátima é encarada como um lugar onde cada um vem recarregar as suas forças, e, para muitos, o primeiro passo é largar aquilo que pesa, neste caso, algo que pese na consciência”. “Mas há casos de pessoas que procuram a Capela da Reconciliação porque precisam de falar ou porque vivem sós ou porque realmente estão a atravessar um momento difícil e, muitas vezes, quem rodeia estas pessoas não entende o sofri-



A equipa do Centro de Escuta conta atualmente com 32 membros das áreas da Psicologia, Comunicação, Turismo, Ensino, Teologia, Medicina, Enfermagem e Direito. Para acolher quem chega estarão ao serviço colaboradores, profissionais e voluntários, que na sua missão vão ter em conta valores como a empatia, incondicionalidade, confidencialidade, liberdade, respeito, humanização, fraternidade, solicitude, compromisso e misericórdia.

O atendimento no Centro de Escuta funcionará num espaço especificamente preparado para esta finalidade, proporcionando o acolhimento e a necessária privacidade, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade.

mento vivido; surge daí, então, a necessidade da escuta”, explica o Ppadre Ronaldo Araújo, que conta, ainda, que numa confissão o presbítero procura dar um seguimento mais prático, mas nestes casos não pode haver pressa.

Odete Oliveira vem à Cova da Iria, pelo menos duas vezes por ano, e relata: “na minha paróquia, em Aldeia Nova, temos uma prática mais daquilo que muitos chamam a religiosidade popular, participamos nas festas, vamos à missa, mas, para este ato da confissão, eu venho a Fátima”. “A conversa que temos aqui acaba por nos libertar e nunca é somente a questão dos pecados, vai muito além disso; é muitas vezes pedir um conselho, é tantas vezes falar de algo que nos atormenta, mas com a ideia de sair sempre na graça de Deus”, explica ainda. “Eu

falo muitas vezes com os meus filhos, com as minhas vizinhas, com tanta gente, mas há coisas no nosso íntimo sobre as quais muitas vezes é difícil falar”, disse, ainda, para realçar a importância da escuta.

José Fernandes reside em Fátima, está aposentado e é presença regular nas Capelas da Reconciliação: “faz parte da minha vida ir à missa, rezar o terço e vir à confissão”, conta. “As coisas que digo ao presbítero são, na sua maioria, simples, mas não falo com mais ninguém, são coisas muito pessoais, por exemplo, pensamentos”, explica José.

Paula Brum é psiquiatra, integra a equipa do Centro de Escuta do Santuário de Fátima, e considera a ação de escutar como “a arte do encontro”. “A escuta não é um tema moderno, há dois mil anos Jesus pratica-

va-a, sem pré-juízos, de forma incondicional e com o coração”, lembra. A escuta “tornou-se um tema atual, pois vivemos com muito ruído, com muita solidão, e as comunidades atuais são pouco contentoras, e todos nós precisamos dessa fonte de vida, ser escutados”. “Seremos escutados é essencial na nossa vida, na nossa saúde mental, se bem que não gosto de separar o mental do físico, porque há muitas interconexões entre os dois, e precisamos de facto de quem nos ouça com o coração, sem críticas, que escute o nosso ‘não dito’, o ser frágil que somos”, reiterou a médica psiquiatra.

“Na psiquiatria estudam-se técnicas de escuta, mas quem vem a Fátima não são ‘doentes’, são sim pessoas peregrinas que trazem consigo angústias, aflições, zangas e tristezas, e estar na Cova da

Iria traz à tona tudo o que cada um carrega consigo”, lembra, realçando a importância de um Centro de Escuta neste lugar.

Em dezembro de 2016, foi publicada uma Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa no Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, Fátima. Sinal de Esperança para o Nosso Tempo. Nesse documento os bispos enalteceram a “atenção que em Fátima se dá aos mais frágeis e vulneráveis – as crianças, os doentes, os idosos, as pessoas com deficiência, os migrantes – que neste lugar e na sua proposta espiritual encontram hospitalidade, cuidado, rumo e energia”.

O documento refere que a mensagem de Fátima nos mostra uma experiência universal e permanente: o confronto entre o bem e o mal que continua no coração de cada pessoa, nas relações sociais, no campo da política e da economia, no interior de cada país e à escala internacional. “Cada um de nós é interpelado a corresponder ao chamamento de Deus, a combater o mal a partir do mais íntimo de si mesmo, a compreender o sentido da conversão e do sacrifício em favor dos outros, como fizeram os três pastorinhos, na sua pureza e inocência”, escreveram, ainda, os bispos.

Desde 1917, muitos foram e são aqueles que rumaram e rumam até à Cova da Iria em busca de paz, de respostas, de silêncio. Mas há também quem chegue a Fátima sem um propósito, sem saber porquê. O Santuário é muitas vezes ponto de chegada, mas é também ponto de partida, e seja pela reconciliação, seja pela escuta, seja por ambos, é um lugar de encontro, consigo mesmo, com os que o rodeiam, mas é, acima de tudo, um lugar de esperança, através dos pequenos gestos que se exprimem, tantas vezes, no perdão e na escuta.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redacção: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redacção: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

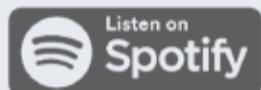
Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, nº161 | 3020-430 Coimbra

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Lídia Azevedo

Entrevista disponível em
www.fatima.pt/podcast

Também disponível em:



“Toca-me a forma como as pessoas se entregam à sua fé, em Fátima”

Lídia Azevedo é uma jovem médica recém-licenciada, da arquidiocese de Braga. No podcast #fatimanoseculo XXI fala da relação dos jovens da sua idade com a religião e a Igreja; do desafio que a Jornada Mundial da Juventude representa para os católicos e, sobretudo, da atualidade e da importância de Fátima como alavanca para uma nova relação dos jovens com Deus.

Carmo Rodeia

Se olharmos para “o turbilhão de coisas que acontece ao nosso redor” – os conflitos armados cada vez mais próximos, os problemas sociais e económicos – “facilmente se percebe” a atualidade e a pertinência da mensagem de Fátima.

“Nossa Senhora apareceu numa altura em que havia uma guerra e deixou uma palavra de esperança, com um mandato: se todos nós rezássemos e não cometêssemos mais erros a paz existiria. Isto é muito bonito porque nos remete para a pureza do nosso coração e nos leva ao essencial de Jesus: se eu amar o meu próximo não posso fazer-lhe mal, se todos seguíssemos esta mensagem não poderia haver guerras”, refere Lídia Azevedo, uma jovem médica acabada de se formar, que entrou na vida ativa em janeiro deste ano. É a convidada do podcast #fatimanoseculoXXI deste mês de fevereiro e tece algumas considerações sobre a relação dos jovens com a fé e com a Igreja e o papel que Fátima pode ter no regresso de alguns e no “contágio” de outros.

“Fátima pode continuar a inspirar como há cem anos inspira. A mudança que a pressa que está no ar implica, a partir do mote da Jornada Mundial da Juventude, pode dar-se em Fátima quando cada jovem conseguir aí converter o seu coração e daí sair em paz levando-a aos ambientes onde se movimenta” refere.

E o que é que Fátima

pode dizer aos jovens? “Pode ser um testemunho, e os jovens precisam de testemunhos”, diz explicitando o que a toca neste lugar: “Desde pequena que ia todos os anos a Fátima, e hoje Fátima tem muita importância pois é o local mais importante de fé em Portugal. A mim toca-me o quanto as pessoas acreditam, a forma como elas se entregam à sua fé nesse lugar”. Isso acontece, complementa, porque em Fátima “sentimos o exemplo de Maria”. “Maria cuidadora que, mesmo grávida, parte ao encontro da prima que se encontrava também grávida e a vai cuidar; Maria que está junto à cruz do filho; Maria que se fez presente na vida dos Pastorinhos; Maria que se faz presente na vida de todos nós, como a mãe que cuida”, refere lembrando que “de Fátima há uma ideia fundamental: o cuidado”. “O cuidado é muito importante pois significa que entrego o meu coração ao outro”, diz Lídia Azevedo sublinhando o quanto Fátima a ensina a ser médica. “Quando se lida com o sofrimento humano, também precisamos de cuidar de nós. É no sofrimento que percebemos o que é importante e essencial e isso aproximamos de Deus, sem dúvida... Quando uma pessoa sofre, tudo o que é supérfluo perde importância”.

Mas os jovens ainda precisam de Deus? “Acho que, na maioria dos casos, nem param para pensar nisso”, pois hoje quase não “valorizamos ou percebemos a necessidade que temos de nos alimentarmos espiritualmente”.

“O ter e o ser, que hoje tanto valorizamos, não passam por um encontro com Deus, na maioria dos casos, por um contacto com o transcendente; e isso, curiosamente, é o que Fátima nos ensina com o exemplo dos Pastorinhos”. “Tinham muito pouco; tinham uma vida simples, e isso deu-lhes tempo para se focarem na mensagem de Nossa Senhora e nessa proposta concreta de entrega a Deus. Nós hoje andamos muito ocupados, não temos tempo para pensar nem refletir. As coisas surgem, caminhamos e só depois paramos. Fátima pode ensinar-nos a parar”, refere a jovem médica.

E a Igreja, o que deve fazer para lutar contra essa indiferença em relação a Deus? “Temo-nos focado no que não é importante; a mensagem essencial é o amor e nós evidenciamos os escândalos, alimentamo-nos com polémicas e não conseguimos fazer passar o essen-

cial que é o amor de Deus”, afirma Lídia Azevedo.

“A Igreja foi deixando de atrair e de captar os jovens e os jovens foram abandonando a Igreja, e nós ficamos sem os nossos pares que foram ficando pelo caminho e acabamos só nós”, adianta, ainda, com esperança de que a Jornada Mundial da Juventude, que se realizará de 1 a 6 de agosto, em Lisboa, possa “dar a volta a isto”.

“Se a experiência for suficientemente atrativa e cada um de nós a sentir por dentro, porque ela nos moldou, então poderemos sair da JMJ com vontade de fazer um novo caminho, com mais gente. Nós estamos cá; a nossa voz pode juntar-se à experiência dos mais velhos e juntos construirmos uma nova Igreja. A Igreja não é uma coisa distante, nós todos somos a Igreja, as suas pedras vivas”, diz sublinhando a necessidade de algumas “mudanças”.

“A linguagem é muito complexa, e isso condiciona a passagem da mensagem que deixa de ser atrativa”, reconhece. “Vivemos muito a Igreja de forma ritualista, e os rituais deixaram de fazer sentido”: os jovens querem “é compreender a mensagem e depois pô-la em prática no dia a dia”. “Esta é a forma como queremos viver a fé e, por vezes, a mensagem repetida e vivida em Igreja de forma muito ritualizada não cativa, não nos diz nada”.

“A sociedade evoluiu muito rápido e a Igreja não soube ou não conseguiu acompanhar essa evolução” avança, lembrando que mesmo os problemas podem ser ultrapassados. “Quando nos focamos no essencial, conseguimos mudar; quando a Igreja apresenta problemas, lamentamos, mas a Igreja é feita de pessoas e as pessoas têm limites. Ser católico é seguir Jesus e não outros”, refere.

“A causa de Jesus rende, mas para os que estão dentro; os outros têm de aprender de nós; só com o nosso testemunho podemos mudar o mundo cativando outros para esta adesão; e como os jovens estão muito abertos e são respeitosos para com o próximo, se nós lhes mostrarmos que, de facto, seguir Jesus é estar próximo dos outros, respeitando-os, julgo que os jovens serão cativados”.

O podcast #fatimanoseculoXXI pode ser ouvido na íntegra em www.fatima.pt/podcast, e nas plataformas iTunes e Spotify.



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Padre Faustino José Jacinto Ferreira

Apesar de ter vivido apenas sete anos após as aparições de 1917, o padre Faustino Ferreira foi um importante protagonista de Fátima, pelo imediato interesse que acontecimento lhe despertou, pela proximidade que teve com os videntes e pela sua participação na génese do que viria a ser o Santuário edificado na Cova da Iria.

Diogo Carvalho Alves



O bispo de Leiria encarregou o padre Faustino Ferreira da compra dos terrenos onde ocorreram as aparições de 1917.

Nascido a 24 de janeiro de 1853 e ordenado sacerdote em 1881, o padre Faustino Ferreira era, no tempo das aparições, vigário da vara de Vila Nova de Ourém, território onde era reconhecido como um “pastor zeloso e de fácil convivência com o clero e as populações que atendia”.

Durante as aparições de 1917, na Cova da Iria, desde o primeiro momento manifestou sobre elas “interesse e ponderado discernimento”. Viria o jornal “O Ouriense”, órgão do vigário e do clero da vigararia, pronunciar-se sobre as mesmas em julho desse ano, num pequeno texto que tem por título: “Real Aparição ou suposta... ilusão Fátima”.

“Esta freguesia experimentou no passado dia 13 o espectáculo mais maravilhoso e comovente, que a imaginação podia idealizar. Querirá a Rainha dos Anjos fazer desta freguesia uma segunda Lourdes?!... Ah! Quem o me-

recera?! A Deus e à Virgem Mãe não é impossível. Não foi possível fazer o cálculo aproximado do número de pessoas que vieram à distância de tantas léguas, desde o humilde pastorinho, rude lavrador, aos que fazem agradáveis passeios em velozes automóveis para tomarem fé de alguma prova de tão propagada Aparição de N. Senhora a 3 crianças desta freguesia”, lê-se, na edição de 29 de julho daquele jornal.

Posteriormente, o padre Faustino Ferreira foi incumbido de receber depoimentos de testemunhas e factos ocorridos na última aparição de outubro e, no outono de 1920, o bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, encarrega-o de proceder à compra de terrenos da Cova da Iria. Envolvido nesta dinâmica, solicitou ao prelado a licença para celebração de missa, naquele lugar, nos dias 13 de cada mês.

“A sua ação e a sua devoção

fizeram dele um pilar sólido e respeitável, uma referência a quem o bispo recorria e que ouvia para decisões importantes referentes à Cova da Iria.”

Integrou naturalmente a comissão canónica que averiguaria a veracidade e credibilidade dos acontecimentos de Fátima.

“Não quis Nosso Senhor dar-lhe cá na terra a consolação de ver terminados os trabalhos dessa comissão, pois o chamou à Sua Santa Glória a 10 de Julho de 1924”, lê-se no artigo da Voz da Fátima de 13 de janeiro de 1932, que recorda a vida do sacerdote.

A vidente Lúcia recordaria este protagonista de Fátima “com termos elogiosos, acentuando as suas humanidade e espiritualidade”, dando conta que a intervenção do presbítero “lhe tinha sido altamente benéfica na orientação espiritual num período agitado da sua vida.

A PEÇA DO MÊS

MSE, inv. n.º 7324-OUT.II.2960

José Rosinhas, 2020

Grafite e acrílico

115 x 80,5 x 3,5 cm



O Corpo da Cruz

A composição, a grafite sobre papel, desenvolve-se a partir de uma cruz latina, de cor negra, em cuja interseção dos braços se dispõe um coração. As arestas da cruz prolongam-se em retas, as mesmas que deram origem à obra e que o autor quis deixar visíveis para mostrar o esboço inicial do seu trabalho. O coração apresenta pequenas formas irregulares mais claras, como que vazadas na superfície, à maneira de uma filigrana, sendo cercado por traços enérgicos que conferem dinamismo ao motivo e também advêm do esboço inicial.

Esta obra integra o conjunto de trabalhos que José Rosinhas apresentou na exposição individual O Corpo da Cruz, em 2021, no Museu dos Cristos de Sousel, tendo sido oferecida em 31 de maio desse ano ao Santuário de Fátima. Pela sua devoção pessoal ao Sagrado Coração de Jesus, o autor considera esta obra como um seu autorretrato.

Museu do Santuário de Fátima

Painéis dos Mistérios do Rosário na Basílica da Santíssima Trindade I (Gozosos e Luminosos)

A fachada da Basílica da Santíssima Trindade mostra uma série de 20 painéis em bronze fundido dedicados a fazer figuração dos 20 mistérios do Rosário. Da autoria de Pedro Calapez (1953-), cada painel mede 150 x 225 cm e inspira-se em fontes artísticas da História da Pintura Antiga, estratégia que mostra a grande erudição do autor.

Umhas vezes através de pormenores, outras vezes através de amplas citações de planos mais abertos, Calapez, ao trabalhar os temas que lhe foram propostos, presta, assim, home-

nagem aos grandes vultos da pintura religiosa. Arrolam-se, em correspondência, as fontes dos painéis respeitantes aos Mistérios Gozosos e Luminosos: Anunciação (Anunciação, de Fra Angelico, 1433-1434, do Museu Diocesano de Cortona); Visitação (Visitação, de Pontormo, 1528, da Igreja dos Santos Miguel e Francisco, Carmignano); Nascimento de Jesus (Adoração dos Pastores, de Correggio, 1529-30, da Gemäldegalerie Alte Meister, Dresden); Apresentação no Templo [fonte não identificada]; Perda e encontro de Jesus no Tem-

plo (Jesus entre os doutores, de Paolo Veronese, 1558, Museo del Prado, Madrid); Batismo de Jesus (Batismo de Jesus, de Piero della Francesca, 1448-1450, National Gallery, Londres); Bodas de Caná (Bodas de Caná, de Juan de Flandres, c. 1497, Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque) (?); Anúncio do Reino de Deus (Anunciação, de Piero della Francesca, c. 1455, Igreja de São Francisco, Arezzo); Transfiguração (Transfiguração, de Rafael, 1516-1520, Pinacoteca do Vaticano); Instituição da Eucaristia [peça de ourivesaria não identificada].

FÁTIMA AO PORMENOR

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Lia estes dias a história de um homem que levou a sua família a visitar o campo de concentração de Dachau. No regresso, à saída do campo, o seu filho perguntou-lhe: «Pai, isto ali fora dos muros do campo era uma igreja?». O homem confirmou que era, de facto, uma igreja. «E, pai, os guardas prisionais e o chefe do campo iam à igreja ao domingo?». O pai disse que sim, que era o mais provável. O filho crescia em espanto interrogativo: «E eles confessavam os seus pecados e rezavam ao Deus de Israel e de Jesus Cristo?». O pai via-se obrigado a confirmar ainda uma vez. «E depois saíam da igreja e, no dia seguinte, iam de novo para o campo e matavam centenas de judeus?». O pai

O mundo em crise e a crise da igreja

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

já só acenava. «E eles diziam-se ainda assim cristãos, pai?». O silêncio do pai. «Como assim? Como assim, pai?». E o homem encolhia os ombros como quem não encontra palavras para dizer o indizível.

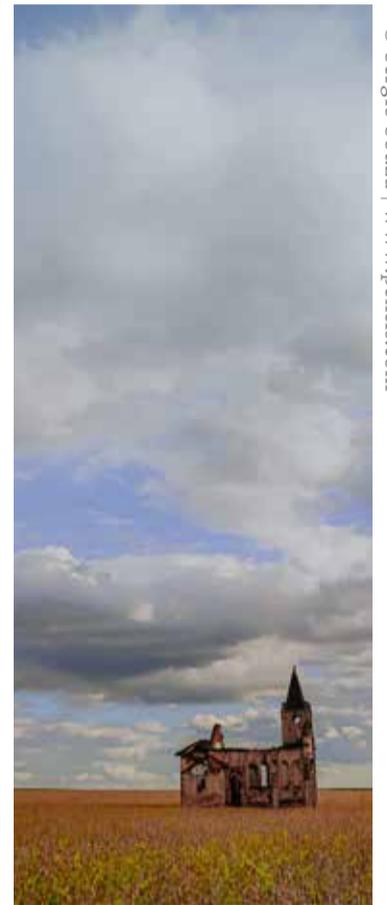
Diz Rowan Williams que «a coisa mais difícil no mundo é estarmos onde estamos». Tem razão. Nos tempos de crise que vivemos, esperávamos que a igreja fosse uma semente de esperança. Mas a igreja nestes tempos de crise é a igreja em crise, consumida aqui por escândalos de abuso sexual, espiritual ou de poder, estilhaçada ali por uma polarização dogmática nada fraterna. Se queríamos uma indicação de como a igreja e o mundo se confundem, porque não são separáveis, ela aqui está: vivemos em tempos de crise e a igreja encontra-se entre os destroços. Mas, se o mais difícil no mundo é estarmos onde estamos, este tempo de crise é o tempo que nos é dado e o único tempo necessário para cuidar paciente, mas assertivamente

das crises que vivemos, por mais penosas e contingentes que nos pareçam.

Ansiamos por uma igreja mais fiel a si mesma. O que significa que a igreja seja fiel não é sempre fácil de descrever, mas podemos reconhecer os traços da fidelidade numa comunidade capaz de construir uma dogmática da hospitalidade como quem testemunha um mundo reconciliado através da defesa da justiça social, da promoção da liberdade pessoal, e do desenvolvimento de uma ecologia integral que não acumula pobres no que agora se tornou comum chamar periferias (mas que, na verdade, não são mais do que o centro do mundo real). Estes traços de uma liturgia prática (se quisermos, de uma liturgia política) são profecia em tempos de crise. A fragilidade humana é hoje palpável de uma forma surpreendente e só seremos capazes de enfrentar essa fragilidade se acumularmos recursos imaginativos suficientes para avançar com esperança. A igreja tem a

vocação de ser esse excedente de imaginação capaz de encher o presente com o sonho de Deus.

Mas a aventura de uma igreja mais fiel a si mesma significa ser também capaz de dar nome aos seus pecados e aos seus traumas, de reconhecer as crises que não só estão presentes na sua tradição, mas que também constituem essa tradição. A fidelidade significa estar disponível para atender à realidade da igreja tal como ela é e abraçar as suas tensões, aqui e agora. Este aqui e este agora, este mundo e esta igreja constituem a realidade que me é dado viver. E é, de facto, uma realidade aquilo que me é dado viver, não o ideal de uma vida moralmente exemplar. Pode a igreja testemunhar em tempos de crise se a própria igreja for uma igreja em crise? A única possibilidade de que o faça é sendo capaz de uma autocrítica séria e serena. Não é masoquismo, mas conversação espiritual, laboratório de transformação eclesial no confronto constante com o espírito do evangelho.



© Sergio Souza | www.pexels.com



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Afirma o Papa Francisco que “vivemos uma mudança de época e não, simplesmente, uma época de mudança”. As profundas alterações científicas, sociais e culturais mudaram drasticamente os contornos com que vivemos e o modo como entendemos o mundo, a vida e o ser humano. Bem o sabemos! À Igreja, decorrente da sua vocação, cabe a tarefa de testemunhar e propor, para cada tempo, como para cada pessoa e circunstância, «a página do Evangelho que o outro é capaz de ler» (cf. D. José Policarpo). Este é o dinamismo da Encarnação, é o estilo do próprio Deus. Também o sabemos bem! Mas o sínodo que estamos a preparar, precisamente sobre a sinodalidade, não diz só respeito à missão da Igreja, entendido como aquilo que a Igreja deve dar ao mundo; o paradigma é todo outro: é

Bonito! Mas dispostos a isso?

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

sobre aquilo que a Igreja deve ser no mundo, a sua forma, a forma de ser Igreja. E sendo a Igreja corpo, corpo de Cristo no mundo, esta questão tudo tem a ver com o mistério da Encarnação. E se isto não é novidade, porque já o Concílio Vaticano II o disse, a nossa dificuldade em o assumir e enformar, sobretudo no mundo ocidental, parece conhecer os seus limites.

Tomáš Halík partilha em duas das suas obras recentes a sua interpretação dos sinais dos tempos: as igrejas vazias durante o confinamento imposto pela pandemia, é, a seu ver, um sinal profético «do entardecer do Cristianismo». A Igreja atravessa uma profunda crise e se nela não houver uma profunda transformação, em breve, «o tempo das igrejas vazias» poderá ser o seu estado permanente. Na verdade, já assim acontece em muitos lugares que há gerações eram profundamente cristãs. Aqueles lugares e o modo de os habitar tornaram-se não-significativos para a humanidade, a ponto de não encontrarem razão plausível para ficar. O decréscimo do número de fiéis a participar na vida da Igreja na sequência da pande-

mia e, mais ainda, na sequência de notícias de graves abusos de poder no seio da Igreja, só veio agravar uma realidade já latente.

O modelo de uma Igreja que estruturalmente vive em dinâmica sinodal, isto é, em que todos se põem à escuta do Espírito em todos, e em comunidade, é a proposta do Papa Francisco de um caminho para o futuro da Igreja; não para as igrejas terem gente, mas mais importante, para a gente ser Igreja. Talvez nunca como dantes têm os batizados hoje tantas condições para que a Igreja possa ter esta forma. Mas estaremos dispostos a isto? É verdade que este modelo dá voz a todos, mas também conta com a participação efetiva de todos a liberdade, o discernimento e a corresponsabilidade de todos. Viver em comunidade é o modelo da primitiva Igreja, o modelo original, aquele mais nos realiza. Mas estaremos todos dispostos à conversão quer mental, quer espiritual que, de cada um de nós, isto implica? Às cedências de parte a parte, aos processos lentos que viver em comunidade necessita? Viver e edificar a comunhão é todo um processo de amadurecimento.



Peregrinos na Esperança a partir de Fátima

O Jubileu da Esperança, convocado para a Igreja para o ano de 2025, encontra no Santuário um lugar de escuta e de diálogo com Deus e com os Homens.

Carmo Rodeia

Na primeira carta sobre o Jubileu de 2025, Peregrinos na Esperança, o Papa Francisco exorta o povo de Deus a ser portador da esperança a um mundo que recupera de uma pandemia e se vê mergulhado numa crise provocada por uma guerra na Europa e em tantos outros lugares do mundo. Por isso, pede que o próximo ano santo na Igreja Católica possa estar repleto de uma mensagem de esperança, com uma forte dimensão espiritual e preocupação social.

“Devemos manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente clarividente”, escreve Francisco, no texto divulgado pelo Vaticano.

“Não houve nação que não tenha sido transtornada pela inesperada epidemia que, além de nos ter feito tocar de perto o drama da morte na solidão, a incerteza e o caráter provisório da existência, modificou o nosso modo de viver”, destaca o Papa.

Francisco recorda que, durante os confinamentos, foram fechadas as igrejas, as escolas, as fábricas, os escritórios, as lojas e os locais dedicados ao lazer.

“Todos vimos algumas liberdades limitadas e a pandemia, além do sofrimento, por vezes, suscitou no íntimo de nós mesmos a dúvida, o medo, a perplexidade”, apontou.

O Papa convida-nos a recuperarmos o “sentido de fraternidade universal”, evocando o “drama da pobreza crescente” e os “inúmeros refugiados forçados a abandonar as suas terras”.

“Que as vozes dos pobres sejam escutadas neste tempo de preparação para o Jubileu que, segundo o mandamento bíblico, restitui a cada um o acesso aos frutos da terra”, deseja.

Francisco desafia, desta forma, a Igreja Católica a associar a dimensão espiritual do Jubileu, “que convida à conversão”, aos “aspectos fundamentais da vida social, de modo a constituir uma unidade coerente”.

“Não nos desleixemos ao longo do caminho, não deixemos de contemplar a beleza da criação e de cuidar da nossa casa comum. Almeje que o próximo Ano Jubilar seja celebrado e vivido também com esta intenção”, acrescenta.

A carta foi dirigida ao arce-



bispo Rino Fisichella, presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, responsável pela preparação do Jubileu de 2025, o 27.º Jubileu Ordinário da História da Igreja.

O contexto nacional e internacional em que se dão as aparições, em 1917, era dramático: Portugal atravessava também uma crise política, religiosa e social profunda e a Europa estava, como nunca na sua História, imersa numa guerra mundial, em que também o nosso país estava envolvido. A ligação entre a temática do próximo ano jubilar da Igreja e Fátima é evidente. “Não desanimes, eu nunca te deixarei” foi, porventura, uma das garantias deixadas por Nossa Senhora a Lúcia e repetida ao longo do relato dos Pastorinhos, e ainda hoje quando celebramos as Aparições.

Como refere a Carta Fátima, Sinal de Esperança para o Nosso Tempo da Conferência Episcopal Portuguesa, durante o Centenário das Aparições de Fátima, em 2017, “A Virgem Maria sai ao encontro dos seus filhos peregrinos a partir da glória da ressurreição de seu filho Jesus, para lhes oferecer consolação, estímulo e alento. Envolvidos por essa bênção, os três Pastorinhos mostraram-se dispostos, pela boca de Lúcia, a serem louvor da glória de Deus e a entregarem-se plenamente aos desíg-

nios de misericórdia que Deus manifestava através das aparições”, tal como hoje somos nós os chamados. E prossegue: “Esta bênção da mãe de Deus derramou-se sobre o nosso povo, que a tem acolhido e agradecido de forma constante e variada”.

dos, reconfortados e renovados.

“O Santuário de Fátima converteu-se no coração espiritual de Portugal tornando-se um dos traços identificadores do nosso catolicismo, como um carisma da nossa Igreja em sintonia com o carisma dos três pastorinhos”,

interior de cada país e à escala internacional. Cada um de nós é, assim, interpelado a responder ao chamamento de Deus, a combater o mal a partir do mais íntimo de si mesmo, a compreender o sentido da conversão e do sacrifício em favor dos outros, como fizeram os três pastorinhos, na sua pureza e inocência.

Qual é a razão da nossa esperança e por que temos esperança? Porque é ela que fortalece a fé e a torna capaz de vida eterna.

Para os pastorinhos, o coração da Senhora era o Santuário do seu encontro com Deus. Esse coração é o “lugar” onde experimentavam a luz divina e onde a mensagem lhes era comunicada.

De entre os sinais dos tempos, afirmou São João Paulo II, “sobressai Fátima, que nos ajuda a ver a mão de Deus, guia providente e Pai paciente e compassivo também deste século XX”, facto reforçado por Bento XVI que apresentou Fátima como “a mais profética de todas as aparições modernas”.

Prosseguem os bispos portugueses: “de facto, denuncia as máscaras do mal, que provoca no mundo tanta dor injusta e atinge, por vezes, os membros da Igreja; por um lado, os mecanismos que conduzem à guerra, o ateísmo que quer apagar as pegadas de Deus neste mundo, os poderes económicos que não buscam mais que o seu próprio benefício à custa dos pobres e dos débeis, a perseguição contra a Igreja e contra os santos que se opõem aos ídolos criados pelos interesses humanos; por outro lado, a hipocrisia ou a infidelidade daqueles que, na Igreja, se deixam dominar pela apatia ou pelo espírito mundano: a comodidade, a corrupção ou a busca de poder”.

A mensagem de Fátima é, deste modo, “um veemente apelo à conversão e à penitência. O pedido repetido para que os Homens não ofendam mais a Deus, a tristeza de Nossa Senhora como expressão da não indiferença diante dos pecados cometidos, o convite à oração e ao sacrifício pelos pecadores são simultaneamente denúncia do mal, apelo à conversão e afirmação categórica do amor de Deus”.

É este caminho que o Papa nos convida a fazer rumo ao Jubileu da Esperança. E pode começar em Fátima...



Desde muito cedo, os portugueses encontraram no Santuário de Fátima, em especial na Capelinha das Aparições e na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, consagrada em 7 de outubro de 1953, uma casa maternal na qual se sentem acolhidos, compreendidos, consolados, perdoa-

concluíam então os bispos portugueses.

A mensagem de Fátima mostra-nos uma experiência universal e permanente: o confronto entre o bem e o mal que continua no coração de cada pessoa, nas relações sociais, no campo da política e da economia, no

“A mensagem de Fátima é intemporal e intergeracional, porque é uma mensagem de Salvação e isso não é aplicável apenas a uma determinada geração ou a um determinado tempo”

O Servita de Nossa Senhora de Fátima, um dos mais novos da Associação, fala da importância de Fátima na vida de um jovem, da mensagem e do testemunho em Igreja.

Carmo Rodeia

O João é Servita de Nossa Senhora e é muito novo. Lembra-se de quando é que Fátima entrou na sua vida pela primeira vez?

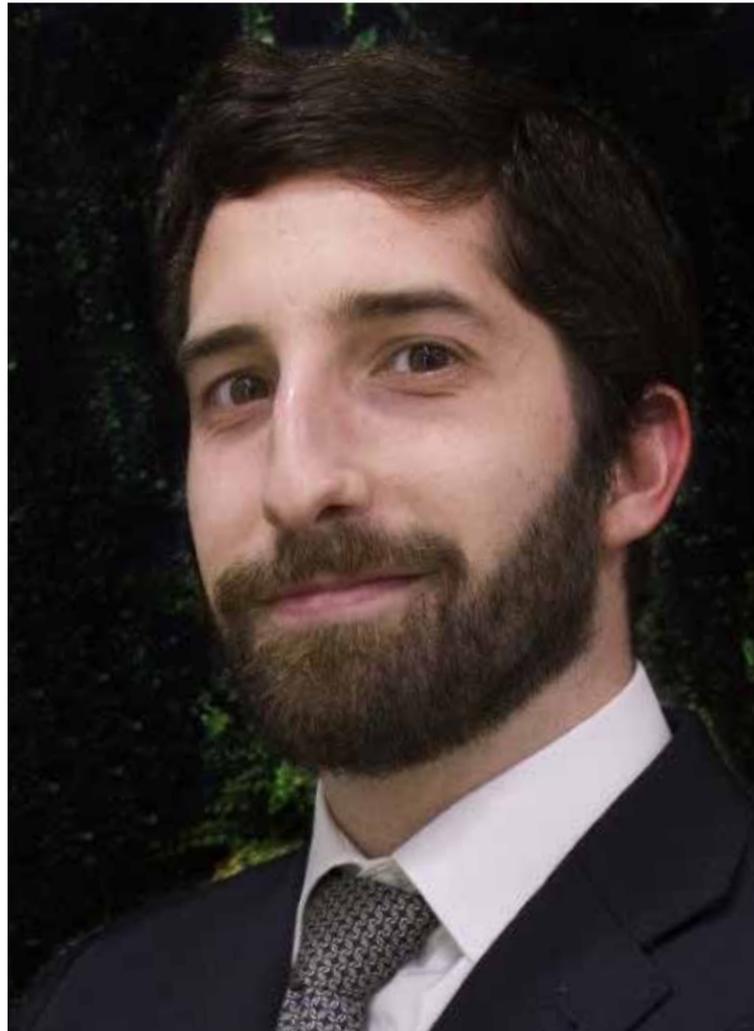
Poderia dizer que o meu primeiro contacto com Fátima foi ainda antes de nascer. Os meus pais são Servitas e, portanto, estava ainda na barriga da minha mãe quando ouvi os sinos do Santuário pela primeira vez! Agora mais a sério. Como referi, sendo os meus pais Servitas, Fátima faz parte da minha vida desde que me lembro. Desde pequeno, mesmo sem o perceber, que a mensagem de Fátima fez parte da minha educação. A prática da oração, de falar com Jesus e Nossa Senhora, sempre foi um incentivo; rezar o terço também sempre foi uma prática comum em minha casa; o conceito de sacrifício (obviamente, nas coisas mais simples) também foi algo que me foi explicado desde cedo: a noção de que Jesus gostaria que eu às vezes abdicasse de coisas de que gostava muito, para que Ele pudesse ajudar outras pessoas; pedir a intercessão de Nossa Senhora nos momentos difíceis também foi, desde cedo, um hábito.

No meio de tudo isto, as viagens a Fátima e as estadias em Fátima, ou em casa de tios, quando os meus pais iam de serviço para Fátima e não me podiam levar, também nunca foram algo de estranho para mim, bem pelo contrário. Sempre me habituei a ver peregrinos a fazer as promessas de joelhos, a ver as senhoras a agitar os lenços brancos e a chorar ao ver a imagem de Nossa Senhora, entre

outras imagens clássicas que se passam no recinto do Santuário e que, hoje, percebo fazem parte da razão pela qual aquele lugar me diz tanto.

Além da “herança” familiar o que o levou a ser Servita de Nossa Senhora?

Apesar de os meus pais serem Servitas e de toda a espiritualidade associada à mensagem de Fátima me ter sido passada desde cedo, ser Servita nunca foi algo óbvio para mim. Pelo contrário, desde pequeno que me perguntavam se eu queria ser Servita como os meus pais e eu dizia imediatamente que não, que não tinha paciência. Até que houve um dia, já adolescente (e com um bocadinho mais de maturidade), depois de uma peregrinação de jovens do meu movimento (Movimento Apostólico de Schoenstatt), que ao chegar a Fátima tive a oportunidade de ver os meus pais de serviço enquanto Servitas. Não era uma imagem nova, mas, por alguma razão, daquela vez vi tudo com uma perspetiva diferente. A forma como eles sorriam ao ajudar algum peregrino, a atenção e dedicação que tinham com cada um, a forma como lhes falavam de Nossa Senhora e dos Pastorinhos e o ambiente familiar que se vivia entre todos os Servitas fizeram-me ponderar se eu, realmente, não gostaria de ser Servita! E quanto mais pensava nisso, mais sentido me fazia; como uma brasa que se torna em chama e acende um grande fogo, o desejo tornou-se vontade e percebi que Nosso Senhor me chamava a ser Servita e a servir e dar testemunho Dele junto dos outros, através das coisas mais simples e de forma silenciosa. Foi assim que me tornei Servita. Mas há aqui outra pergunta importante (e que aconselho a todos os Servitas que também a façam): “Porque é que sou (ou continuo a ser) Servita?”. A resposta pode ser ou não a mesma à pergunta “porque é que me tornei Servita?”, no meu caso é um misto. De cada vez que vou a Fátima, tento fazer um “ritual”: vou até à estátua do Sagrado Coração de Jesus e olho para a Capelinha. Verifico que a imagem é quase sempre a mesma: novos e velhos,



homens e mulheres, estudantes e reformados, católicos praticantes e não praticantes (às vezes, até agnósticos), asiáticos e africanos, pobres e ricos... o Papa Francisco, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e eu próprio, todos nos aproximamos da imagem de Nossa Senhora e nos ajoelhamos para pedir, agradecer ou só desabafar e chorar, porque somos todos seus filhos, independentemente da história e da situação de cada um. Enquanto Servita, sinto a vontade e a missão de, de forma simples e silenciosa, contribuir para que cada um possa ter o melhor encontro possível com Jesus e Nossa Senhora, enquanto estiver em Fátima.

O que é que Fátima diz a um jovem, hoje?

Na minha opinião, não acho que Fátima diga algo de diferente a jovens e velhos. A mensagem de Fátima é intemporal e intergeracional, porque é uma mensagem de Salvação; e isso não é aplicável apenas a uma

E o que é que os jovens podem aprender com os Pastorinhos?

Diria que se há algo que os jovens podem aprender com os Pastorinhos é isto: a amar verdadeiramente e a ter foco no essencial, o Céu.

Fátima diz ainda que, por mais vezes que nós falhemos e nos afastemos de Deus, Ele nos Ama, nos perdoa, nos espera de braços abertos e cumpre sempre as suas promessas (ainda que não seja sob a forma que mais queremos ou esperamos).

Os jovens em geral, hoje, ainda têm tempo para Deus e assumem compromissos na Igreja?

Como já referi, acho que um grande problema dos jovens de hoje é estarem habituados a ter quase tudo como garantido, a não precisarem de se esforçar muito para obterem o que querem (que muitas vezes, para não dizer quase sempre, não é aquilo de que precisam), que, por sua vez, leva a privilegiarem a satisfação imediata e a evitarem (e a não aceitarem) o sofrimento e as dificuldades.

Alguns exemplos de situações que vou ouvindo hoje: “eu até gosto do meu trabalho, mas no outro pagam-me mais (apesar de não precisar)”, “para quê ter uma namorada, se posso ir estando com miúdas diferentes todas as semanas?”, “para quê rezar ou ir à missa a meio da semana, se só preciso de ir à missa ao domingo?”, etc.

Ora, estas mentalidade e disposição não facilitam uma abertura a um Deus e a uma Igreja, que, talvez devido à forma como as gerações anteriores a viam e a mostraram, tem uma imagem antiquada e castradora, o que não é verdade. Os jovens, pela fase da vida em que estão, têm a vida e um mundo de oportunidades pela frente, procuram sempre a novidade e, por isso, quando lhes mostram algo ou alguém que os impede de fazer o que querem, a reação, em vez de procurar perceber o “porquê”, regra geral, passa por exteriorizar um sentimento de injustiça e de repulsa não justificado. Obviamente que a forma como os media expõem os escândalos da Igreja, sem piedade e muitas vezes de forma

determinada geração ou a um determinado tempo. No entanto, há na espiritualidade e na forma de ser dos Pastorinhos algumas coisas que, não só, mas especialmente, os jovens de hoje podiam aprender. Numa sociedade onde o dinheiro e o material governam, a satisfação imediata é a prioridade e o sofrimento e as dificuldades têm de ser evitadas a qualquer custo, podemos encontrar nos Pastorinhos o exemplo de como a completa ausência destas regras lhes trouxe o melhor prémio de todos: o Céu. Os Pastorinhos não eram ricos, nem tinham grandes posses (apesar dos terrenos que possuíam); eram incentivados a trabalhar e a esforçarem-se para obter aquilo que queriam e até a partilhar o pouco que tinham com os mais pobres. As dificuldades e sofrimentos por que passaram permitiram que o seu Amor por Jesus e Nossa Senhora crescesse exponencialmente, ao ponto de não se importarem de morrer, se isso significasse ir para o Céu, para junto de Jesus e de Nossa Senhora.

facciosa, não contribui para uma aproximação dos jovens quer de Deus quer da Igreja.

Em concreto, o que os afasta da Igreja?

Os jovens têm dificuldade em perceber, e isto, talvez porque nunca lhes explicaram, que o que a Igreja dá são propostas/sugestões para vivermos melhor a nossa vida, de acordo com aquilo que Deus sonhou para nós, quando nos criou; propostas para vivermos segundo o amor, que dignifica e santifica. Arrisco-me a dizer que a imagem que a maior parte dos jovens tem de Deus é a de um Deus castigador, de um Deus tirano, que não os deixa viver como eles querem; em vez de verem o Deus Pai, que se preocupa com eles, que os ama e que aquilo que lhes propõe, apesar de, por vezes, envolver algum sacrifício, é para a sua maior felicidade e para os ajudar a encontrar o verdadeiro sentido para as suas vidas.

Conhecendo a dinâmica de Fátima, como é que este lugar pode proporcionar aos jovens a imagem desse Deus Amor de que fala?

Depois de ter “cascado” tanto nos Jovens (onde também eu me incluo, claro) na pergunta anterior, quero nesta resposta compensar pela positiva.

Acho que os jovens, uma vez mais, pelas características que lhes são inerentes e pela fase da vida por que estão a passar, têm uma enorme capacidade de amar. Claro que há sempre exceções à regra, mas acho que, no geral, os jovens, se tiverem uma educação afetiva e bem orientada, são pessoas que procuram manter a proximidade com a família e com os amigos, dando-lhes uma elevada prioridade nas suas vidas. Infelizmente, também pelas razões que mencionei na resposta anterior, acho que essa capacidade de amar é, muitas vezes, mal orientada, levando a uma corrupção da sua visão do amor. Em Fátima, podemos encontrar várias formas de aproximar não só os jovens mas as pessoas em geral de Nosso Senhor, com o exemplo dos Pastorinhos: o seu altruísmo; o seu amor à família, aos pobres e aos pecadores; o seu amor e carinho por Nossa Senhora e por Nosso Senhor (quando pensavam nas coisas que os faziam tristes); a sua simplicidade e perseverança (a capacidade de guardar o Segredo), etc. É preciso desmistificar a ideia de que tenho de ser uma pessoa extremamente culta e muito piedosa para ser santo. Para se ser santo basta amar, pôr amor nas coisas que se fazem, especialmente nas mais simples. Veja-se o exemplo dos

pais de Lúcia: o temor a Deus; a generosidade; a perseverança e o sentido de sacrifício; a predisposição para o serviço; a alegria e o carinho (mais o pai...); e a fé e confiança na Divina Providência. Não é por serem de uma época mais antiga que os valores que este casal passou aos seus filhos são menos relevantes, necessários ou atuais para as famílias dos dias de hoje. A simplicidade dos Pastorinhos – quero reforçar esta característica, porque é algo que me diz muito – é impressionante! Para mim é simplesmente inacreditável como é que três crianças analfabetas, sem grandes posses, que vivem numa aldeia no meio da serra, num país pequeno como Portugal, são escolhidas para serem instrumentos de Deus numa época como aquela. Estas três crianças, pelo impacto que as suas ações trouxeram, não só a Portugal, mas à Igreja e ao Mundo, são a prova de que a Deus nada é impossível: vejam-se todos os milagres que estão associados ao tempo das aparições, desde o mais conhecido Milagre do Sol à cura da mãe de Lúcia e outros doentes, à não entrada de Portugal na Segunda Guerra Mundial, à queda do Muro de Berlim e da União Soviética. É indiscutível que, mesmo que inconscientemente, o ser humano procura amar e ser amado. É também indiscutível que o ser humano sente necessidade do acolhimento, do conforto, do carinho de uma Mãe. Em Fátima, Nosso Senhor envia a sua própria Mãe para trazer esta Mensagem de Salvação à Humanidade (tal não fosse a importância, a quem mais a poderia confiar?). Ao longo de todas as aparições, Nossa Senhora não se põe no centro da Mensagem, mas põe Nosso Senhor. Nosso Senhor fala ao coração das pessoas, e que melhor forma de chegar ao coração de alguém que com o carinho, a serenidade e a preocupação de uma Mãe? Quem pode aproximar mais e melhor o ser humano de Deus senão Nossa Senhora que O amou e sabe amar como ninguém?

Condensando numa palavra...

Se tivesse de resumir a minha resposta em uma palavra, seria: formação.

Os jovens precisam de formação, precisam de saber as razões por detrás de certas posições da Igreja, precisam de perceber que, no fim, a causa última é sempre o amor e o melhor deles próprios, da mesma forma que um pai cuida e se preocupa com um filho. Em Fátima, temos uma fonte de exemplos por onde pegar, através dos quais lhes podemos mostrar que o amor de Deus pela humanidade (e pelos jovens) é incondicional, intemporal e imensurável



OPINIÃO

Pe. Paulo Terroso

Fátima: ícone de uma Igreja sinodal

“Fátima antecipa e provoca positivamente a Igreja sinodal que desejamos ser.”

1. O cardeal Mario Grech, Secretário-Geral do Sínodo, na sua recente visita à Arquidiocese de Braga (14 a 17 de dezembro de 2022), em entrevista ao departamento de comunicação da arquidiocese, afirmou que “a Igreja é o povo de Deus a caminhar, a tentar ouvir o Espírito Santo e discernir a vontade de Deus”. E acrescentou “afinal, esta é a nossa missão, comunicar à Humanidade a vontade de Deus”. As palavras do cardeal maltês, que enquanto padre frequentou o santuário de Fátima e aí prestou serviço como confessor, fazem-nos entrar no núcleo fundamental da marifania de Fátima. No centro da mensagem de Fátima temos a Senhora que coloca uma questão decisiva a três crianças: “Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?”. O “sim, queremos”, em uníssono, da Lúcia, Jacinta e Francisco, foi uma adesão total à vontade de Deus, sem saídas de emergência, em favor da humanidade. Esta intercessão/ mediação pelo outro, a abertura ao outro, à inclusão do outro, ainda que diferente, distante (pecador), desconhecido, imerecido de graça, a partir daquele “sim”, é colocada definitivamente no centro da relação dos pastorinhos com Deus. Dizemos definitivamente, porque na primavera de 1916, já os pastorinhos tinham sido introduzidos pelo “Anjo da Paz” numa especial intimidade com Deus e na oração de intercessão: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam, e não vos amam”.

2. Quando falamos sobre o Sínodo sobre a sinodalidade, poucas vezes evidenciamos esta dimensão fundamental, sem a qual não há sinodalidade, que é a de realizar a vontade de Deus para a sua Igreja em favor da humanidade. E, no entanto, a interrogação fundamental, declinada em duas questões,

que motiva e orienta o processo sinodal em curso é: como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele “caminhar juntos” que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal? A Igreja sinodal acontece se se deixar conduzir pelo Espírito Santo. A única agenda que se pode admitir é a agenda do Espírito Santo. Não a minha agenda pessoal ou de um grupo. Neste sentido a Mensagem de Fátima continua a ser profética, um imenso farol para a Igreja em Portugal e para a Igreja Universal neste caminho para uma Igreja sinodal. Desde logo porque a escuta, discernimento e a realização da vontade de Deus não é um exclusivo da hierarquia da Igreja. Se há afirmações claras e inequívocas que emergem da Mensagem de Fátima, melhor, do testemunho dos Pastorinhos, e da sua receção ao longo destes mais de cem anos, e que são eixos fundamentais deste sínodo, são: a radical igualdade batismal de todos e todas em Cristo, através do qual todos os fiéis participam no tríplice múnus de Cristo (profético, sacerdotal e real); a necessária e imprescindível escuta de todos, mas, sobretudo, dos mais simples (os anawim), os que vivem na periferia; o *sensus fidei*; e que o discernimento, em matéria de fé, não é somente exercido pela autoridade magisterial da Igreja, mas que há uma circularidade entre essa e o *sensus fidelium*. A propósito, como não lembrar as palavras lapidares do cardeal Cerejeira “Não foi a Igreja que impôs Fátima, mas Fátima que se impôs à Igreja”. Palavras estas que foram recordadas e pronunciadas pelo Papa Bento XVI quando em 2010 visitou Portugal e foi como peregrino a Fátima.

3. Em Fátima irradia uma Luz para a qual não conseguimos olhar diretamente. Só de um modo indireto e lentamente vamos entrando nessa Luz. Moisés, com quem Deus falava

“frente a frente, como um homem fala com o seu amigo” (Ex 33, 11), viu a sarça ardente. Mas, na terra árida de Fátima, a Senhora introduziu “no peito e no mais íntimo da alma” dos pastorinhos a sarça ardente. De tal modo, que se viram em Deus, “que era essa luz”. Por aqui se vê a excepcionalidade de Fátima e dessa Luz que nos precede e atrai. Quando o Documento para a Etapa Continental (DEC) do Sínodo apresenta como ícone bíblico a imagem da tenda, com que se abre o capítulo 54 do livro de Isaías, como chave de leitura do documento, exortando assim a uma abertura ao acolhimento e inclusão radical de todos — ninguém excluído! — a realidade de Fátima há muito que extravasa a imagem da tenda. Fátima antecipa e provoca positivamente a Igreja sinodal que desejamos ser. Fátima é um recinto aberto, sem portas, onde todos, crentes e não crentes, pobres e ricos, letrados e iletrados, idosos e crianças, jovens e adultos, com mais ou menos fé esclarecida, peregrinam em busca de sentido, de uma casa onde se sintam em casa, onde possam ser iluminados, tratados, curados, reconciliados, salvos. E a tenda que Fátima oferece é o manto protetor da Mãe Igreja. Parafraseando a citação do relatório da síntese da Conferência Episcopal Portuguesa presente no DEC, o mundo e a Igreja precisam de Fátima, que rejeita “a divisão entre crentes e não crentes, que olhe para a humanidade e lhe ofereça mais do que uma doutrina ou uma estratégia de salvação, um “golpe de dom” que atenda ao grito da humanidade e da natureza”. Fátima tem todas as dimensões teológicas, espirituais, pastorais, antropológicas e arquitetónicas para ser um ícone de uma Igreja sinodal. Procurando novos modos significativos de dizer Fátima para a Igreja e para a humanidade no século XXI, não será de que os encontraremos a partir de uma releitura da mensagem e dos acontecimentos em chave sinodal?

Porto reunido em Conselho Diocesano

Miguel Mendonça | Presidente do Secretariado Diocesano



Teve lugar no passado dia 19 de novembro de 2022, no Seminário Casa de Vilar, no Porto, o Conselho Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima da diocese do Porto. Após dois anos de atividade muito condicionada pela pandemia, foi o primeiro Conselho a ter lugar em moldes mais próximos do normal e daquilo a que estávamos habituados.

Fizeram-se representar vários secretariados paroquiais desta diocese e respetivos associados. O Secretariado Nacional fez-se representar pelo assistente nacional, P. Daniel Mendes, e pelo vice-presidente nacional, Miguel Ferreira. Deu início à reunião o assistente diocesano, P. Vasco Soeiro, com um momento de oração e uma reflexão sobre a Mensagem de Fátima, a sua im-

portância e pertinência nos tempos conturbados que vivemos.

Seguiu-se uma alocução do presidente deste Secretariado Diocesano, Dr. António Ferraz, que fez uma resumida exposição do trabalho e das iniciativas desenvolvidas pelo Secretariado durante o ano de 2022. De Seguida, houve um momento para a apresentação, por parte dos secretariados paroquiais, das respetivas atividades desenvolvidas durante o ano de 2022 e de como encararam e adaptaram o repto que lhes tinha sido lançado pelo Secretariado Diocesano através do mote “Fátima ao Pé da Porta”, um arquétipo de atuação que visava adaptar as atividades desenvolvidas aos momentos difíceis da pandemia através de ações de proximidade, de mais curta duração e mais

“intimistas” na sua dimensão.

Tomaram a palavra os secretariados paroquiais de Vila Boa do Bispo, Ermesinde, Alpendurada e Matos, S. Pedro de Cesar, Favões, S. Pelágio de Fornos, Fajões, Galegos, S. Pedro de Castelões e Padrão da Légua descrevendo as atividades que tinham desenvolvido.

Findas estas apresentações, tornou a tomar a palavra o presidente diocesano chamando à ordem de trabalhos, conforme constava da convocatória para o Conselho, a eleição do novo presidente deste Secretariado para o triénio de 2023-2026. Informou que, por razões pessoais e de disponibilidade, ao fim destes anos todos, não pretendia voltar a candidatar-se ao cargo.

Todos temos presentes os mais de 20 anos em que o Dr. An-

tónio Ferraz esteve à frente deste Secretariado, muito contribuindo para o seu dinamismo e atuação, para a sua dinamização e para que a Mensagem de Fátima e o Movimento chegassem a todos os cantos desta diocese. É com grande pesar que o vemos partir, mas compreendemos naturalmente as suas razões e aqui empenhamos o nosso profundo reconhecimento e agradecimento por todo o seu trabalho ao longo destes anos.

O presidente cessante deu nota de que este Secretariado, em reunião ordinária, tinha decidido candidatar a este lugar o atual tesoureiro, Miguel Mendonça, e abriu à Assembleia a possibilidade de quem assim o desejasse se pudesse candidatar ao lugar. Não houve da parte desta manifestação de vontade

de apresentar uma candidatura ao lugar, sendo assim sufragado o nome de Miguel Mendonça como novo presidente do Secretariado Diocesano para o triénio que se inicia.

Encerrou o Conselho o assistente nacional do Movimento, P. Daniel Mendes, com informações importantes e pertinentes sobre as ações que o Secretariado Nacional tem vindo a desenvolver em prol da divulgação do Movimento e da sua consolidação.

Findo o Conselho teve lugar na Capela do Seminário um momento de adoração do Santíssimo, sob a orientação do P. Daniel Mendes e do P. Vasco Soeiro, no qual participaram todos os Mensageiros, animado pelos jovens do Movimento da Mensagem de Fátima da diocese do Porto.

Já está disponível o Boletim Anual do MMF

Secretariado Nacional do MMF

A capa do boletim deste ano apresenta o ícone Salus Populi Romani, no qual é retratada a Santa Mãe de Deus com o Menino nos braços que abençoa o mundo. Este belo ícone é um dos símbolos da Jornada Mundial da Juventude que, neste ano de 2023, será realizada em Portugal, de 01 a 06 agosto, em Lisboa. O Movimento da Mensagem de Fátima une-se desta forma a toda a Igreja na promoção e vivência deste grande encontro entre os jovens do mundo inteiro e o Papa Francisco.

O Boletim Anual é um subsídio de apoio aos trabalhos pastorais desenvolvidos por todos os Mensageiros do MMF e útil a todos os crentes. Contém esquemas mensais de oração para todo o ano litúrgico e textos sobre temas da atualidade, nomeadamen-

te a Sinodalidade e a JMJ 2023. O grande desafio lançado pelo Papa Francisco para a JMJ, e que foi acolhido também como tema anual para o MMF, “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39), é aqui apresentado sob várias perspetivas por diferentes autores.

O Boletim está disponível nos secretariados diocesanos ou diretamente no Secretariado Nacional, em Fátima, por 5,00 €. Caso pretenda o envio através dos CTT, o Boletim será remetido após pagamento por transferência bancária para a conta do MMF, acrescentando os respetivos portes de envio.

Para encomendar deve usar, por favor, os seguintes contactos: telefone, 249 539 679, e-mail, secretariadonacional@mmfatima.pt.



Movimento da Mensagem de Fátima lidera a Comissão Coordenadora de Apoio aos Peregrinos a Pé

Grupo integra representantes a nível nacional das seguintes instituições: Santuário de Fátima, Ordem de Malta, Caminhos de Fátima, Cruz Vermelha Portuguesa, Escuteiros, Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, Proteção Civil.

Secretariado Nacional do MMF

O Movimento da Mensagem de Fátima lidera a Comissão Coordenadora de Apoio aos Peregrinos a Pé, a qual integra representantes a nível nacional das seguintes instituições: Santuário de Fátima, Ordem de Malta, Caminhos de Fátima, Cruz Vermelha Portuguesa, Escuteiros, Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, Proteção Civil. No ano passado, juntou-se a ONG VOST. A Guarda Nacional Republicana e a Polícia de Segurança Pública apoiam algumas das

iniciativas, nomeadamente na formação de guias de peregrinos, além das ações especiais que desenvolvem nas estradas durante os dias de maior afluência.

Esta Comissão reúne 2 vezes ao ano: uma reunião decorre no início do ano para programar a assistência e a outra no fim de maio para analisar o modo como está a decorrer a assistência aos peregrinos durante o ano.

A Comissão tem por missão ajudar na organização, na promoção de boas práticas e

no modo como decorre a assistência em todos os postos de assistência aos Peregrinos a Pé. O objetivo é estruturar uma assistência ordenada e unificada num espírito de interajuda e cooperação.

As várias entidades trabalham em conjunto para que todas as Peregrinações de 2023 possam decorrer no verdadeiro espírito cristão. A primeira reunião decorreu no passado dia 28 de janeiro e dela resultou um plano de ação a desenvolver por todos os intervenientes que segura-

mente ajudarão todos os peregrinos.

Nos próximos dias 18 e 25 de fevereiro decorrerão as habituais formações para os Guias de Peregrinos a Pé.

O Movimento da Mensagem de Fátima está ao serviço de todos os Peregrinos e disponível para ajudar quem desejar caminhar com fé até à casa materna. Em caso de dúvida deve, por favor, contactar o MMF, através do e-mail, secretariadonacional@mmfatima.pt ou do número de telefone 249 539 679.



Conselho Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima debateu organização administrativa e pastoral

Órgão reuniu nos dias 13 e 14 de janeiro, na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, no Santuário de Fátima.

Secretariado Nacional do MMF

O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) reuniu a sua Assembleia Geral, designada de Conselho Nacional, nos passados dias 13 e 14 de janeiro na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, no Santuário de Fátima, na qual participaram, na totalidade ou em parte, as dioceses do Algarve, de Braga, Bragança-Miranda, Coimbra, Évora, da Guarda, de Lamego, Leiria-Fátima, Portalegre-Castelo Branco, do Porto, de Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Viseu, assim como todos os elementos que compõem o Secretariado Nacional.

Além das exigências relativas às associações de fiéis, que obrigam à apresentação de contas, do plano pastoral e do orçamento, o Conselho debateu questões de organização administrativa e pastoral para melhor desenvolvimento da missão do MMF. Conforme o plano global apresentado pelo assistente nacional, P. Daniel Mendes, este ano é especialmente dedicado à organização, sem descuidar da espiritualidade e a evangelização.

A exemplo do Secretariado Nacional, que teve as suas dificuldades para reunir a sua constituição atual, os vários

secretariados paroquiais e diocesanos têm de estar completos e devidamente homologados pelo bispo competente. O cumprimento destas formalidades, exigidas pelos estatutos, ajuda o MMF a dar o exemplo no modo de estar em Igreja como uma Associação de Fiéis.

A organização dos dados dos associados, nomeadamente quem somos, será desenvolvida numa plataforma comum a ser partilhada pelas várias estruturas: nacional, diocesana e paroquial.

A saúde financeira necessária para podermos assegurar os meios para a divulgação da mensagem de Fátima foi igualmente discutida. O Conselho entendeu que será alterado o valor da quota, que não sofre atualização há mais de 10 nos, para fazer face ao agravar dos custos e à diminuição do número de associados marcado pelo falecimento destes e à parca adesão de novos associados. O orçamento para o ano de 2023 foi apresentado e discutido.

Ainda sobre a organização interna, verificou-se que os estatutos do MMF têm de ser revistos dado que foram encontradas incorreções na sua redação.

Os conselheiros foram informados do projeto de elaboração de um livro que contenha a história do MMF. Este está a ser preparado pelo mensageiro Frederico Seródio.

No plano pastoral, foi apresentada e discutida uma reformulação do programa da Peregrinação Nacional, no sentido de uma proposta de vivência mais adequada aos associados do MMF.

Das várias decisões e conclusões deste Conselho irão ser elaborados documentos que depois de amadurecidos serão veiculados nos próximos meses.

Este Conselho ficou ainda marcado pelos momentos de oração, adoração e louvor, nos quais cada mensageiro foi convidado a imitar Nossa Senhora, mãe de Jesus e nossa mãe, no acolhimento e na escuta da Palavra de Deus, para que cada um se levante e saia apressadamente das suas certezas e comodidades, para servir e anunciar aos outros a alegria do Evangelho, conforme nos recorda o tema deste ano pastoral. Todos estes momentos e os trabalhos realizados foram confiados à proteção e intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e dos Santos Pastorinhos.



Maria é “o exemplo, o modelo e a mestra” do discipulado cristão

Padre João Paulo Quelhas inaugurou o ciclo dos Encontros na Basílica deste ano pastoral com uma reflexão sobre o capítulo 1 do Evangelho de São Lucas, que dá mote ao tema da Jornada Mundial da Juventude de Lisboa..

Carmo Rodeia

“Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39) foi a frase que esteve na base da reflexão proposta na tarde de 8 de janeiro, no primeiro de cinco Encontros na Basílica, agendados para este ano pastoral no Santuário de Fátima, que teve como orador o padre João Paulo Quelhas, capelão do Santuário de Fátima.

Depois da partida do Anjo (cf. Lc 1, 38), Maria toma a iniciativa de visitar a sua parente Isabel. Por isso, como diz o texto do Evangelho, “pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia” (Lc 1, 39). Não foi o Anjo que ordenou esta viagem. Ele apenas fez conhecer a Maria, como um sinal, que aquela a quem chamavam estéril estava já no sexto mês de gravidez (cf. Lc

1, 36) referiu o orador.

“Maria não parte, portanto, obedecendo a uma ordem, mas por sua iniciativa pessoal. O texto não explica a razão pela qual Maria se põe apressadamente a caminho, e até as indicações do destino da viagem são vagas”, constatou ainda destacando a solicitude da ‘discípula’.

“Ela é o exemplo daqueles que se levantam quando Deus se revela nas suas vidas; que se põem a caminho, porque não podem conter a alegria desse encontro com Deus; que partem à pressa, porque desejam partilhar a alegria desse encontro e chegam ao destino, porque é Deus quem os guia”, sublinhou o padre João Paulo Quelhas, deixando um desafio aos peregrinos que par-

ticiparam nesta iniciativa apesar da copiosa chuva que, desde manhã, assolou Fátima.

“Os cristãos são aqueles que se encontram a caminho; são como Maria aqueles que estão a caminho, no caminho da salvação e na via que Cristo lhes indica. Ela é, por isso, o exemplo, o modelo e a mestra”, concluiu.

O padre João Paulo Quelhas é natural do concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco, diocese da Guarda. É presbítero da diocese de Beja, onde foi ordenado a 14 de maio de 2000. Doutorou-se em Teologia Dogmática, com especialização em Mariologia, na Pontifícia Faculdade Teológica Marianum, em Roma. Atualmente, é capelão do Santuário de Fátima.



8.ª edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima vai debater sobre a temática da Peregrinação

Iniciativa foi anunciada no final do webinar DesCodificar Fátima.

Cátia Filipe

A segunda edição do webinar “DesCodificar Fátima” terminou com um balanço muito positivo. Esta iniciativa chegou a muitos participantes espalhados por diferentes lugares de Portugal e do estrangeiro (Europa, África e América), o que, segundo Marco Daniel Duarte, “permitiu levar mais longe a investigação que se faz no Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, cuja missão é a de investigar e difundir o conhecimento sobre Fátima, a sua história e a sua mensagem”.

Em declarações à Sala de Imprensa do Santuário de Fátima, o Diretor do Departamento de Estudos explicou que têm chegado ecos muito positivos relativamente aos temas a tratar e que, manifestamente, interessam aos investigadores e a diferentes agentes da pastoral que, um pouco por todo o mundo, se interessam por Fátima: “Este seminário procurou tratar os temas à maneira de sínteses o que levou a um esforço muito grande por trabalhar as temáticas em ordem a didatizar os seus conteúdos e, nalguns casos, a

apresentar nova investigação propositadamente feita para este seminário on-line”.

Na última sessão, André Melícias, responsável pela equipa de Arquivo e Biblioteca do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, falou sobre o Correio de Nossa Senhora, que começou a chegar de forma consistente, a partir da década de 50, e que impressiona pela multiplicidade de formatos em que chega.

Recorrendo ao exemplo de algumas das primeiras mensagens, André Melícias falou sobre o seu sentido, o circuito que seguem, o seu conteúdo. Trata-se sobretudo de “pedidos de oração, de agradecimento, desabaços, pedidos concretos de intercessão, que permitem conhecer os contextos familiares e históricos de uma determinada época”, esclareceu, a propósito do conteúdo e interesse dessas mensagens.

Em seguida, Marco Daniel Duarte abordou a temática das fotografias dos Pastorinhos, explicando que os primeiros retratos – 11 só no ano de 1917 – vão fixar os rostos de Lúcia, Francisco

e Jacinta Marto, numa primeira fase até à sua beatificação, e as reproduções feitas posteriormente, em foto ou pintura, foram acrescentando detalhes que revelam uma intencionalidade que sublinhava a importância do fenómeno de Fátima. “A figuração da Virgem e dos videntes era importante para a afirmação do acontecimento de Fátima”, disse, ainda. A expressão dos rostos, a presença de velas, o terço na mão e os trajes típicos da sua atividade, como pastores, revelam uma intencionalidade na figuração dos três videntes, integrando-os num determinado ambiente, mas conferindo-lhes, ao mesmo tempo, elementos que os transportam para um acontecimento relevante.

No final, Marco Daniel Duarte anunciou que entre 5 e 7 de julho, o Departamento de Estudos do Santuário de Fátima vai levar a cabo a 8.ª edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, sobre a temática da Peregrinação, um tema-chave, na história da Cova da Iria.

O webinar “DesCodificar Fátima” decorreu nas quartas-feiras



do mês de janeiro e pretendeu dar resposta a muitas interrogações que Fátima suscita junto dos peregrinos e investigadores, fazendo chegar os resultados da investigação científica sobre Fátima a diferentes públicos, em diversas geografias.

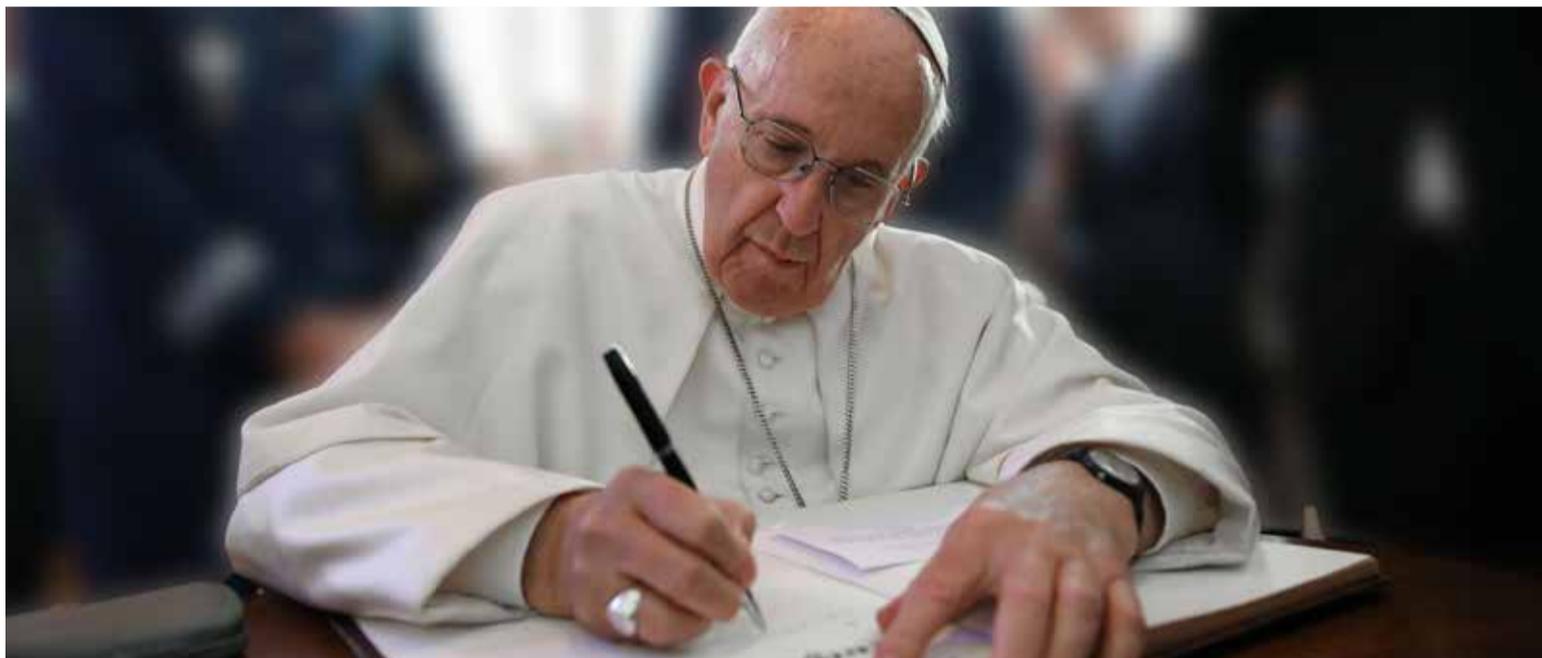
Esta segunda edição convidou a refletir sobre a coroa preciosa da Imagem de Nossa Senhora

de Fátima e sobre o jornal Voz da Fátima; a ritualidade da celebração da noite em Fátima e as obras de arte da Basílica da Santíssima Trindade; a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e o Museu do Santuário de Fátima e o correio de Nossa Senhora de Fátima e as fotografias dos Santos Francisco e Jacinta Marto.

“Falar com o coração” num mundo em guerra com a Igreja em Sínodo

Testemunhar a verdade com amor é o principal desafio da mensagem do Papa Francisco para a comemoração do 57.º Dia Mundial das Comunicações Sociais que se celebrará a 21 de maio. A mensagem “Falar com o coração” foi apresentada no passado dia 24 de janeiro, dia de São Francisco de Sales, padroeiro dos escritores e jornalistas.

Carmo Rodeia



“Comunicar cordialmente” para “desarmar os ânimos promovendo uma linguagem de paz” poderia ser um resumo possível da mensagem do Papa para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, divulgada pelo Vaticano a 24 de janeiro, festa de S. Francisco de Sales, padroeiro dos jornalistas.

O Papa apresenta o bispo e doutor da Igreja – a quem dedicou, a 28 de dezembro de 2022, a Carta Apostólica *Totum amoris est*, nos 400 anos da sua morte – como “um dos exemplos mais luminosos e, ainda hoje, fascinantes deste falar com o coração”.

“Para ele, a comunicação nunca deveria reduzir-se a um artifício, a uma estratégia de marketing – diríamos nós hoje –, mas era o reflexo do íntimo, a superfície visível dum núcleo de amor invisível aos olhos”, escreve.

Em 2023 celebra-se o centenário da proclamação de São Francisco de Sales como padroeiro dos jornalistas católicos, feita por Pio XI com a Encíclica *Rerum omnium perturbationem*.

Depois de ir e de ver com o coração, de escutar com o coração, o Papa propõe agora que se fale com o coração, deixando ficar claro que, com esta trilogia, é o coração que move a comunicação quando ela é, ou busca ser, “aberta e acolhedora”.

“Após o nosso treino na escuta, que requer saber esperar e paciência, e o treino na renúncia a impor em detrimento dos outros o nosso ponto de vista –

destaca a mensagem – podemos entrar na dinâmica do diálogo e da partilha que é, em concreto, comunicar cordialmente”.

Segundo o Papa, “não devemos ter medo de proclamar a verdade, por vezes, incómoda”. Devemos ter medo, sim, “de o fazer sem amor, sem coração. Com efeito “o programa do cristão – como escreveu Bento XVI – é ‘um coração que vê”.

“Trata-se – explica Francisco – de um coração que revela, com o seu palpitar, o nosso verdadeiro ser e, por essa razão, deve ser ouvido. Isto leva o ouvinte a sintonizar-se no mesmo compromisso de onda, chegando ao ponto de sentir no próprio coração também o pulsar do outro. Então, pode ter lugar o milagre do encontro, que nos faz olhar uns para os outros com compaixão, acolhendo as fragilidades recíprocas com respeito, em vez de julgar a partir dos boatos semeando discórdia e divisões.”

O Papa apela, assim, a uma escuta “sem preconceitos”, que permita “falar com o coração no processo sinodal”, em curso na Igreja Católica.

“De uma escuta sem preconceitos, atenta e disponível, nasce um falar segundo o estilo de Deus, que se sustenta de proximidade, compaixão e ternura. Na Igreja, temos urgente necessidade de uma comunicação que inflame os corações, seja bálsamo nas feridas e ilumine o caminho dos irmãos e irmãs”, escreve Francisco.

“Sonho uma comunicação

eclesial que saiba deixar-se guiar pelo Espírito Santo, gentil e ao mesmo tempo profética, capaz de encontrar novas formas e modalidades para o anúncio maravilhoso que é chamada a proclamar no terceiro milénio”, assume o Papa.

Francisco acrescenta que esta comunicação tem de colocar no seu centro “a relação com Deus e com o próximo, especialmente o mais necessitado” e a preocupação “em acender o fogo da fé do que em preservar as cinzas duma identidade autorreferencial [...]. Uma comunicação cujas bases sejam a humildade no escutar e o desassombro no falar e que nunca separe a verdade do amor”, prossegue.

Mais adiante, o Papa enfatiza que, para se poder comunicar testemunhando a verdade no amor, “é preciso purificar o próprio coração”, de forma a poder “ver para além das aparências, superando o rumor confuso que, mesmo no campo da informação, não nos ajuda a fazer o discernimento na complexidade do mundo em que vivemos”, tantas vezes alimentado pela indiferença e pela indignação, “baseada por vezes até na desinformação que falsifica e instrumentaliza a verdade”.

Como exemplo do “comunicar cordialmente”, o texto alude ao “misterioso viandante que dialoga com os discípulos a caminho de Emaús depois da tragédia que se consumou no Gólgota”. Com eles, “Jesus resuscitado fala com o coração,

acompanhando com respeito o caminho da amargura deles, propondo-se e não se impondo, abrindo-lhes amorosamente a mente à compreensão do sentido mais profundo do sucedido”.

Por fim, Francisco estabelece uma relação entre o tema que propôs para este ano e a atual conjuntura de guerra e destruição. “Hoje – escreve – é tão necessário falar com o coração para promover uma cultura de paz, onde há guerra; para abrir sendas que permitam o diálogo e a reconciliação, onde campeiam o ódio e a inimizade. No dramático contexto de conflito global que estamos a viver, urge assegurar uma comunicação não hostil”.

A mensagem do Papa, que evoca a profecia de São João XXIII na encíclica *Pacem in terris*, não poderia estar mais próxima de Fátima, onde o Coração Imaculado de Maria, que é o próprio Deus, se faz caminho e refúgio.

Na aparição de junho Nossa Senhora apresenta o seu Coração Imaculado como o refúgio e o caminho que conduzirá a Deus. E em julho, depois da visão do Inferno, propõe a consagração ao seu Coração Imaculado como instrumento de conversão e reparação. Com o pedido da consagração da Rússia, como metáfora de uma humanidade ferida e magoada pelos dramas da História dos Homens, Nossa Senhora, em Fátima, lembra a necessidade de todos termos um coração puro e construtor da paz.

“Num período da História marcado por polarizações e oposições – de que, infelizmente, nem a comunidade eclesial está imune – o empenho em prol de uma comunicação “de coração e braços abertos” não diz respeito exclusivamente aos agentes da informação, mas é responsabilidade de cada um. Todos somos chamados a procurar a verdade e a dizê-la, fazendo-o com amor. De modo particular nós, cristãos, somos exortados a guardar continuamente a língua do mal (cf. Sl 34, 14), pois com ela – como ensina a Escritura – podemos bendizer o Senhor e amaldiçoar os Homens feitos à semelhança de Deus (cf. Tg 3, 9). Da nossa boca, não deveriam sair palavras más, “mas apenas a que for boa, que edifique, sempre que necessário, para que seja uma graça para aqueles que a escutam” (Ef 4, 29)”

PAPA FRANCISCO

Mensagem para o 57.º Dia Mundial das Comunicações Sociais, a 21 de maio de 2023

A última peregrinação

No último mês de dezembro, Pautília Parreiras, de 89 anos, doente de Parkinson, concretizou um desejo que pedia, reiteradamente, desde o momento em que a doença a deixou acamada: poder ir rezar a Fátima, uma última vez. Um projeto voluntário da delegação de Coimbra da Cruz Vermelha diligenciou os meios para que pudesse finalmente vir à Cova da Iria, onde pôde rezar junto a Nossa Senhora, dias antes de falecer.

Diogo Carvalho Alves

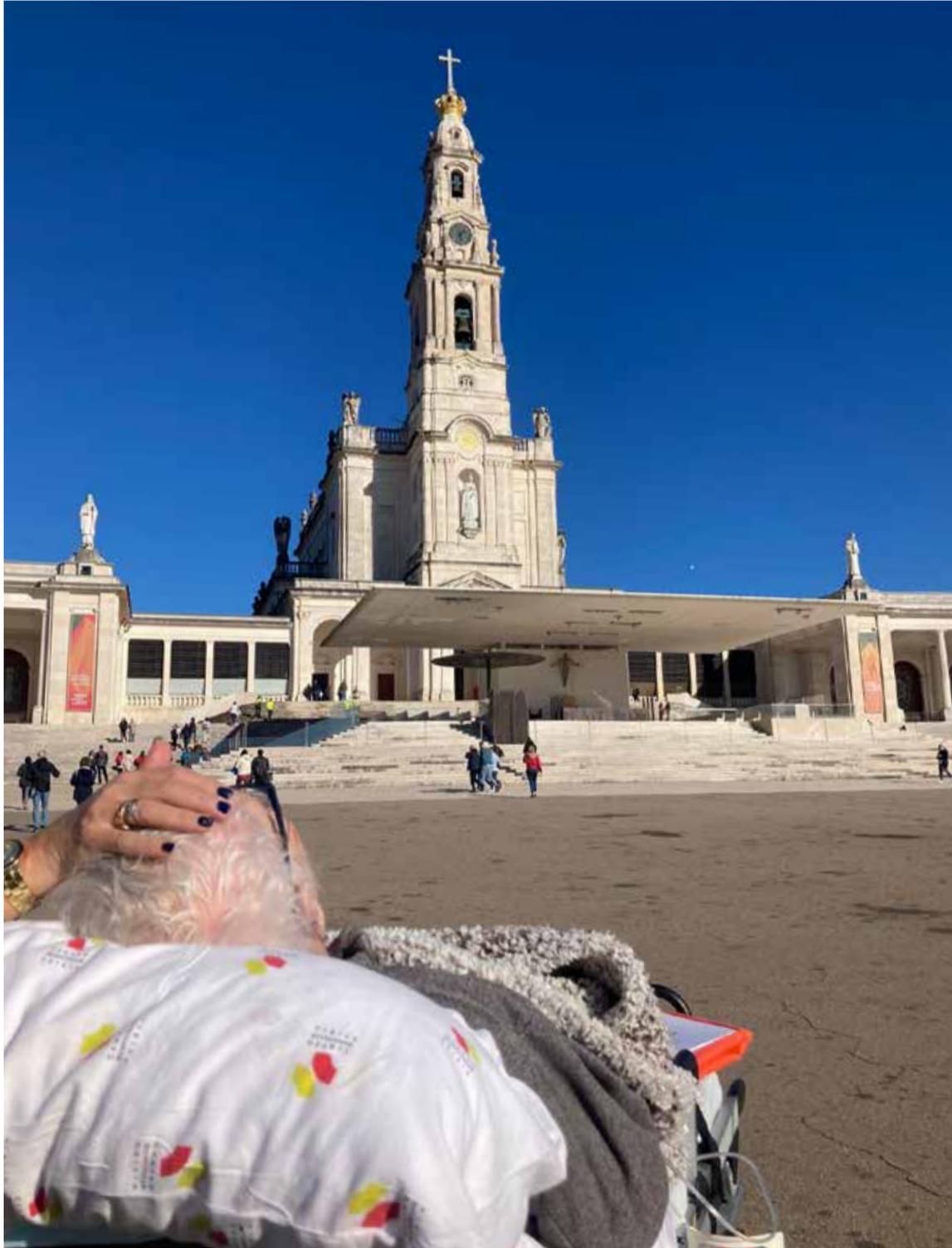
O acolhimento dos peregrinos é uma das missões primordiais do Santuário de Fátima. Neste serviço, o respeito pela privacidade de quem peregrina à Cova da Iria é uma regra assumida, que apenas tem conhecido exceção justificada pela reconhecida notoriedade do peregrino: como foram exemplo as visitas dos Papas ou as presenças dos inúmeros chefes de estado, nas suas visitas oficiais. No passado mês de dezembro, uma peregrinação tornou-se particularmente especial por ser o cumprimento de um último desejo em vida.

A notícia da vinda de Pautília Parreiras ao Santuário de Fátima foi noticiada, poucos dias depois de ter acontecido, pelo Serviço de Cuidados Paliativos do Centro Hospitalar de Leiria e pela delegação de Coimbra da Cruz Vermelha Portuguesa (CVPdC), as duas instituições que a possibilitaram, ao abrigo do projeto “Ambulância Mágica”, da CVPdC, que, há um ano a esta parte, tem vindo a concretizar desejos significativos a doentes com patologia neurodegenerativa em fase avançada.

No passado dia 1 de dezembro, foi a vez de Pautília Parreiras, doente de Parkinson, internada nos Cuidados Paliativos do Centro Hospitalar de Leiria, realizar o seu desejo: ir rezar, uma última vez, à Cova da Iria, junto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

“O meu marido tinha feito uma promessa à minha mãe que, enquanto ela fosse viva e nós pudéssemos, todos os meses íamos a Fátima. Em fevereiro do ano passado, quando ela ficou completamente acamada e impossibilitada de se sentar numa cadeira de rodas, deixámos de conseguir. A partir daí, quando a ia visitar aos cuidados paliativos, ela perguntava sempre se a levava a Fátima”, contextualiza a filha, Adélia Serrano, à Voz da Fátima.

Até a doença degenerativa crónica lhe ter retirado totalmente a mobilidade, Pautília vinha regularmente à Cova da Iria, em peregrinação. No passado dia 1 de dezembro, já acamada, viu a desejo que expressava reiteradamente ser cumprido uma vez mais, numa união de esforços que a levou até bem próximo da Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Capelinha das Aparições, onde rezou junto



da Mãe, de mão dada com a filha, que relata o momento, emocionada.

“A ambulância levou-a até ao Santuário de Fátima e, quando chegámos, abriram-nos a porta do alpendre da Capelinha das Aparições e deixaramnos entrar com a maca na zona interior. Ali, estivemos acompanhados por uma enfermeira, que medicava a minha mãe sempre que necessário. Quando ouvia os sinos, via-se na boquinha dela que tentava rezar e que queria dizer algumas palavras. Apesar das dificuldades que tinha em engolir, comungou e recebeu a bên-

ção do padre que ali celebrava, enquanto me segurava na mão.”

As últimas palavras que Adélia ouviu da sua mãe aconteceram no regresso à unidade de cuidados paliativos, quando expressou a felicidade que sentiu em poder ter estado, uma última vez, em Fátima.

“Gostou de ir a Fátima, mãezinha? Gostei, filha! Depois, nunca mais falou e, ao fim de três dias, faleceu”, conta Adélia, que conforta o luto na alegria de ter podido proporcionar à mãe este seu último desejo.

“Aquele momento foi muito bom e deu-nos uma paz mui-

to grande. Senti-me realizada por ter conseguido concretizar aquilo que ela tanto queria. Depois de tudo isto, sinto que ela partiu em paz”, assegura a filha, ao lembrar, grata, todos os que contribuíram para a realização do “último desejo” da sua mãe.

Uma semana depois, a 8 de dezembro, Adélia Serrano regressou à Cova da Iria, no dia da festa da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria, para agradecer a Nossa Senhora a vida da sua mãe, que, nos últimos dias de vida, pôde ver a rezar, serena, feliz e em paz, junto à Mãe de Deus.



PROJETO AMBULÂNCIA MÁGICA

Projeto inovador na área de cuidados paliativos, está em funcionamento desde janeiro de 2022 e é operacionalizado por voluntários da delegação de Coimbra da Cruz Vermelha Portuguesa. Conta com uma equipa técnica multidisciplinar com formação em cuidados paliativos e tem como objetivo concretizar desejos significativos para os doentes com patologia neurodegenerativa em fase avançada que, apesar de terem plenas faculdades mentais, já não estão capazes de se locomover devido à doença que apresentam.

“Tal como a equipa desta ‘Ambulância Mágica’ também nós, Serviço de Cuidados Paliativos, acreditamos que a concretização destes desejos significativos, muitas vezes únicos e últimos, promovem o bem-estar emocional e espiritual do utente, com consequente alívio do sofrimento psicológico causado pela doença, e com um impacto tremendamente positivo na sua qualidade de vida. A profunda emoção e sentimento apaziguador que a nossa doente experienciou durante aquela visita foi um sopro de vida e de alegria que todos, em parceria, lhe conseguimos proporcionar.”

CATARINA FÁRIA

Diretora do Serviço de Cuidados Paliativos do Centro Hospitalar de Leiria

Os Papas e os Pastorinhos

A memória de uma ligação a partir da própria mensagem.

Carmo Rodeia

Jacinta Marto, em diálogo com a prima Lúcia acerca da “guerra que há de vir”, segundo a Terceira Memória de Lúcia, redigida em 1941, afirmou: «Não tenhas medo! Eu, no Céu hei de pedir muito por ti, por o Santo padre, por Portugal para que a guerra não venha para cá, e por todos os sacerdotes». A mais pequena dos três videntes expressou sempre uma grande predileção pelo Papa. Ainda na *Terceira Memória*, Lúcia conta como a prima se referia ao Santo Padre: «Um dia, fomos passar as horas da sesta para junto do poço de meus pais. A Jacinta sentou-se nas lajes do poço; o Francisco, comigo, foi procurar o mel silvestre nas silvas dum silvado numa ribanceira que aí havia. Passado um pouco de tempo, a Jacinta chama por mim: – Não viste o Santo Padre? – Não! – Não sei como foi! Eu vi o Santo Padre em uma casa muito grande, de joelhos, diante de uma mesa, com as mãos na cara, a chorar. Fora da casa estava muita gente e uns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Coitadinho do Santo Padre! Temos que pedir muito por Ele. Em outra ocasião, fomos para a Lapa do Cabeço. Chegamos aí, prostrámo-nos por terra, a rezar as orações do Anjo. Passado algum tempo, a Jacinta ergue-se e chama por mim: – Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente, a chorar com fome, e não tem nada para comer? E o Santo Padre em uma Igreja, diante do Imaculado Coração de Maria, a rezar? E tanta gente a rezar com Ele?».

Jacinta era, porventura, aquela que mais falava sobre o bispo vestido de branco e que lamentava que este ainda não se tivesse feito peregrino de Fátima, quando sublinhava que tanta gente rumava à Cova da Iria menos o Papa. Só a partir de Paulo VI, os papas lhe fizeram a vontade.

Dos nove Pontífices que a Igreja teve desde a aparição de Nossa Senhora de Fátima em 1917, quatro visitaram o Santuário mariano.

O primeiro foi São Paulo VI, em 13 de maio de 1967, data em que o mundo celebrou os 50 anos da primeira aparição da Virgem de Fátima. «Queremos pedir a Maria uma Igreja viva,



uma Igreja verdadeira, uma igreja unida, uma Igreja Santa», disse Paulo VI na sua homilia diante de milhares de fiéis.

O segundo foi São João Paulo II que, em 13 de maio de 1982, ao completar um ano do atentado que sofrera na Praça de São Pedro, visitou Fátima para agradecer à Virgem por o ter protegido. Regressou ao Santuário de Fátima, em 1991, como agradecimento pelos 10 anos de ter sido “salvo” pela “mão materna” de Maria durante o atentado. E voltou, mais uma vez, no Jubileu do ano 2000, para beatificar os videntes de Fátima, Francisco e Jacinta Marto.

«A mensagem de Fátima é um apelo à conversão, alertando a humanidade para que não siga o jogo do “dragão”... A meta última do Homem é o Céu, a sua verdadeira casa, onde o Pai celestial, com o seu amor misericordioso, a todos espera», assinalou o Papa peregrino naquela ocasião que contou com a presença de Irmã Lúcia, a vidente que viveu mais tempo.

Ao comemorar os 10 anos da beatificação dos pastorinhos, o Papa Bento XVI também peregrinou ao Santuário de Fátima, em 13 de maio de 2010, e declarou que “se equivocou quem pensa que a missão profética de Fátima está acabada”.

«A Nossa Mãe bendita veio

do Céu para oferecer a possibilidade de semear no coração de todos os que se acolhem a ela o Amor de Deus que arde no seu coração. No princípio, foram só três, mas o exemplo das suas vidas difundiu-se e multiplicou-se em inúmeros grupos por toda a face da terra», destacou.

Em 2017, ao celebrar o centenário das aparições, o Papa Francisco peregrinou a Fátima, onde presidiu à celebração de canonização de dois dos videntes, os agora Santos Francisco e Jacinta Marto. O Pontífice presidiu à missa de canonização de Santa Jacinta e São Francisco Marto, depois de ter rezado diante dos seus túmulos, num momento breve de veneração. Durante a homilia, assegurou que Maria, «antevendo e advertindo-nos para o risco do Inferno» para o qual uma vida sem Deus conduz, apareceu em Fátima a três pastorinhos para «nos lembrar a Luz de Deus que nos habita e cobre».

Pois «é sobretudo este manto de luz que nos cobre, aqui como em qualquer outro lugar da terra quando nos refugiamos sob a proteção da Virgem Mãe para Lhe pedir, como ensina a Salve Rainha, “mostrai-nos Jesus”», afirmou.

Há dois outros Papas que visitaram Fátima antes de serem eleitos: a 13 de maio de 1956, o então Cardeal Roncalli (mais tarde Papa São João XXIII) presidiu na Cova da Iria tal como, em julho de 1977, o então cardeal Albino Luciani, depois papa João Paulo I.

É, no entanto, Bento XV, Papa durante as aparições, que serve de referência aos pequenos pastores da Serra D’Aire, quando rezam pelo Santo Padre, pedido deixado pela Mãe de Deus.

«Queremos que à Grande Mãe de Deus, nesta hora terrível, mais do que nunca se dirija vivo e confiante o pedido dos seus filhos aflitíssimos», lia-se na carta assinada no dia 5 de maio de 1917. Em 1929, Pio XI manda distribuir uma estampa com a Imagem de Nossa Senhora aos alunos do Colégio Português.

Ainda em 1929, a 6 de dezembro, o Papa Pio XI benzeu uma imagem de Nossa Senhora de Fátima destinada àquele Colégio de Roma; a imagem tinha sido esculpida pelo mesmo autor daquela que se encontra na

Capelinha das Aparições, José Ferreira Thedim.

À entrada da Basílica de Nossa Senhora do Rosário, por cima da porta principal, encontra-se um mosaico que representa a Santíssima Trindade a coroar Nossa Senhora (foto), obra das oficinas do Vaticano, durante o pontificado de Pio XI, e que foi abençoado pelo cardeal Eugénio Pacelli.

O futuro Papa Pio XII, cujo pontificado atravessou a II Guerra Mundial, foi o primeiro pontífice a ser chamado “Papa de Fátima”, tendo consagrado a dimensão universal da mensagem transmitida na Cova da Iria, em 1917.

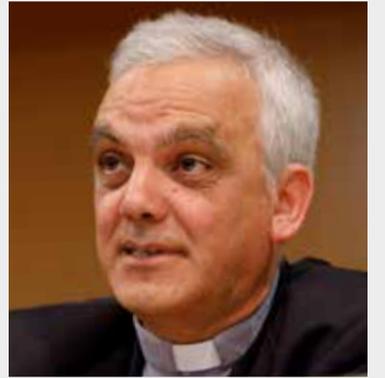
Em 1940, Pio XII referiu-se a Fátima pela primeira vez num texto pontifício oficial, a encíclica *Saeculo exeunte octavo*, escrita para exortar a Igreja em Portugal a aumentar a sua atividade missionária: «Que os fiéis não esqueçam, especialmente quando rezarem o terço, tão recomendado pela Santíssima Virgem Maria em Fátima, de pedir à Virgem Mãe de Deus que faça aparecer vocações missionárias, com frutos abundantes para o maior número possível de almas», pedia o Papa italiano.

Em carta dirigida ao Papa Pio XII, a 2 de dezembro de 1940, a Irmã Lúcia, a mais velha dos videntes de Fátima, pedia que fosse atendido o pedido de Nossa Senhora, reafirmado em aparições posteriores na Galiza, para que fosse proclamada a devoção ao Imaculado Coração de Maria e a consagração do mundo, e em especial da Rússia, ao Coração de Maria.

A primeira posição oficial pública do Vaticano sobre Fátima acontece com Pio XII, em 31 de outubro de 1942, 25 anos depois das aparições: nessa data, em plena II Guerra Mundial, o Papa consagra o mundo ao Imaculado Coração de Maria: «A Vós, ao vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos não só a Santa Igreja, corpo místico de vosso Jesus, que pena e sangra em tantas partes e por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo, dilacerado por exíctias discórdias, abrasado em incêndios de ódio, vítima de suas próprias iniquidades».

O mundo Em Fátima

A paz e a liberdade religiosa



O início deste mês de fevereiro fica assinalado pela visita do Papa a dois países africanos: a República Democrática do Congo e a República do Sudão do Sul. Multidões participaram em encontros e celebrações presididas por Francisco, nestas duas nações do continente em que um em cada cinco cristãos é vítima de perseguição religiosa, segundo apontam as estatísticas de vários organismos internacionais que estudam este fenómeno.

É o continente das muitas guerras que o resto do mundo ignora, tremendas tragédias humanas. Algumas nações desenvolvidas, que foram nações colonizadoras, não olham, ou não querem ver, até porque entre os fatores de vários conflitos, direta ou indiretamente, encontra-se a exploração imoral dos imensos recursos naturais do continente dos pobres, sujeito a formas de neocolonialismo económico: “Mas é, sobretudo, a guerra desencadeada por uma insaciável ganância de matérias-primas e de dinheiro, que alimenta uma economia de guerra que exige instabilidade e corrupção. Que escândalo, que hipocrisia: as pessoas são estupradas e assassinadas, enquanto os negócios que provocam violências e mortes continuam a prosperar!”. São duras as palavras do Papa, pronunciadas na nunciatura do Congo, durante o dramático encontro que aí manteve com vítimas da guerra que se vive no Leste do país. Nesta mesma ocasião reconheceu que o fator religioso está também presente nos conflitos e apelou: “Queridos congoleses, não vos deixeis seduzir por pessoas ou grupos que incitam à violência em nome de Deus. Deus é Deus da paz, e não da guerra”.

A visita ao Sudão do Sul assume um significado inédito: uma visita ecuménica, o papa acompanhado pelo Arcebispo de Cantuária Justin Welby, Primaz da Comunhão Anglicana, e por Ian Greenshield, Moderador da Igreja da Escócia. Fica para a história este sinal de comunhão, profecia dirigida ao mundo no continente silenciado e esquecido pelos dinamismos da globalização que o condenam a ser uma perpétua periferia. Será ouvido este sinal dado ali? Melhor: será ouvido o grito destes povos?

Padre José Nuno Silva
 Capelão do Santuário de Fátima

Pedestal da escultura do Anjo da Loca do Cabeço foi restaurada

Santuário desenvolveu uma estrutura cúbica que protege a pedra original.

Carmo Rodeia



O pedestal onde assenta a escultura do Anjo da Loca do Cabeço, da autoria de Maria Amélia Carvalheira da Silva, no monte dos Valinhos, datado de 1958, acaba de ser intervencionado e substituído por uma estrutura cúbica, que deixa ver a pedra onde encaixa o pedestal e que, segundo a tradição, terá sido tocada pelo Anjo aquando da primeira e da terceira aparições descritas por Lúcia de Jesus nas suas Memórias.

“A nova base compagina-se com a criação de uma estrutura cúbica, à maneira de relicário, deixando ver a pedra que protege. Nela se inscrevem, em cada uma das quatro faces, os conceitos-chave que se encon-

tram na oração mais conhecida ali ensinada pelo Anjo, na primeira aparição: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos; peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam” refere o Serviço de Arte e Património do Museu do Santuário de Fátima, numa explicação enviada à Sala de Imprensa.

Assim, em cada uma das faces inscreve-se, em latim, a Virtude Teologal relativa à oração do Anjo, juntamente com a expressão Adoração que decorre da mesma oração: FIDES (Fé), ADORATIO (Adoração), SPES (Esperança), CARITAS (Caridade/Amor).

“Feito de aço corten, o novo

pedestal-base torna-se mais transparente, conferindo maior visibilidade à pedra que protege e enfatiza” prossegue a explicação. “A expressão artística da base é propositadamente subtil, em ordem a não distanciar a atenção do grupo escultórico que é, efetivamente, o monumento que ali faz memória da angelofania”.

A Loca do Cabeço é o lugar onde, segundo as fontes fatimistas, se deram a primeira e a terceira aparições do Anjo aos videntes. As imagens que aí figuram, o Anjo e as três crianças, são da autoria de Maria Amélia Carvalheira da Silva. A grade, em ferro forjado, é obra de Domingos Soares Branco.

AGENDA

fevereiro

13 seg	ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DA IRMÃ LÚCIA ENCONTRO DE GUIAS-INTÉRPRETES – 42.ª edição (13-14)
17 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade) RETIRO PARA JOVENS (17-19)
18 sáb	UM DIA COM O FRANCISCO E A JACINTA
19 dom	VIGÍLIA DA FESTA LITÚRGICA DOS SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO VIII CONCERTO EVOCATIVO DOS TRÊS PASTORINHOS DE FÁTIMA
20 seg	SANTOS FRANCISCO E JACINTA MARTO – SOLENIDADE Aniversário do Falecimento de Santa Jacinta Marto
22 qua	QUARTA-FEIRA DE CINZAS Início da Quaresma
24 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)
25 sáb	TERÇO JMJ 2023

março

3 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade) RETIRO, ESCOLA DO SANTUÁRIO (3-5)
4 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
5 dom	ENCONTROS NA BASÍLICA II
9 qui	RETIRO DE DOENTES (9-12)
10 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)